

guerra e paz — vol. I de II
lev tolstói



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

LIVRO 1

PRIMEIRA PARTE

— **E**ntão, meu príncipe, Génova e Luca já não passam de apanágios, domínios da família Bonaparte. Não, previno-o de que, se me diz que não temos guerra, se continua a permitir-se paliar todas as infâmias, todas as atrocidades desse Anticristo... Palavra, acredito nisso... é porque já não o conheço, já não é meu amigo, já não é o meu fiel servidor, como diz. Bom, bom dia, bom dia. Vejo que lhe faço medo. Sente-se e conte.

Assim falava, em julho de 1805, Anna Pavlovna Scherer, uma conhecida dama de honor e pessoa íntima da imperatriz Maria Feodorovna, ao receber em sua casa o príncipe Vassili, personagem importante e alto funcionário, que fora o primeiro a chegar à *soirée*. Anna Pavlovna tossia havia vários dias, tinha gripe, segundo dizia (era na altura uma palavra nova, que só raras pessoas empregavam). Nos bilhetes que nessa manhã mandara entregar por um criado de libré vermelha, dizia-se a todos, sem distinção:

Se nada de melhor tem para fazer, senhor conde (ou meu príncipe), e se a perspectiva de passar o serão em casa de uma pobre doente não o assusta demasiado, ficarei encantada por vê-lo em minha casa entre as sete e as dez horas.

Annette Scherer.

— *Dieu, quelle virulente sortie!*¹ — respondeu o príncipe, sem parecer absolutamente comovido por semelhante acolhimento. Envergava o esplendoroso uniforme da corte, com meias e escarpins, e arvorava no rosto uma expressão clara.

Exprimiam-se nesse francês rebuscado que falavam os nossos avós, em que pensavam, até, os nossos avós, e com as doces entoações protetoras, próprias de um homem importante, envelhecido na sociedade e na corte. Aproximou-se de Anna Pavlovna, beijou-lhe a mão, apresentando-lhe a calva, luzente e perfumada, e instalou-se comodamente num divã.

— Antes de mais nada, diga-me como vai, *chère amie*. Tranquilize-me — disse, com a mesma voz e um tom em que, sob a delicadeza e a simpatia, transpareciam a indiferença e, até, a ironia.

¹ Na época, o francês era a língua falada na corte russa. No original, grande parte dos diálogos encontra-se escrita nessa língua. Com o objetivo de proporcionar uma leitura mais cómoda, optou-se pela tradução, deixando apenas algumas frases ou palavras de sentido mais claro, a fim de não se desvirtuar totalmente a intenção do autor.

— Como se pode ir bem, quando se sofre moralmente? Pode alguém, nos nossos dias, conservar a calma, tendo coração? — respondeu Anna Pavlovna. — Ficaré toda a noite, espero?

— E a festa do embaixador da Inglaterra? Hoje é quarta-feira. Tenho de fazer ato de presença. A minha filha virá buscar-me para me levar até lá...

— Pensava que essa festa tinha sido anulada. Confesso-lhe que todas essas festas e todos esses fogos de artifício começam a tornar-se insípidos.

— Se soubéssemos que o desejava, a festa teria sido anulada — replicou o príncipe, dizendo por hábito, como um relógio bem afinado, coisas em que nem sequer queria que os outros acreditassem.

— Não me atormente. *Eh bien!*, que decidiram em relação ao despacho de Novosiltzev? O senhor sabe tudo.

— Que hei de dizer-lhe? — respondeu o príncipe, num tom frio e cheio de tédio. — Que decidiram? Decidiram que Bonaparte queimou os seus navios, e que nós estamos em vias de queimar os nossos.

O príncipe Vassili falava sempre com indolência, como um ator recitando um papel conhecido de há muito. Anna Pavlovna Scherer, pelo contrário, era, a despeito dos seus quarenta anos, cheia de vivacidade e de impulsos.

Ser entusiasta tornara-se de tal modo, para ela, a sua função social que, por vezes, mesmo quando não lhe apetecia, se mostrava entusiasta para não desiludir a expectativa dos que a conheciam. O sorriso reservado que flutuava incessantemente no seu rosto, embora não ficasse bem às suas feições emurchecidas, atestava, como nos meninos estragados, a consciência permanente do seu encantador defeito, de que ela não queria, não podia e não julgava necessário corrigir-se.

No decurso da conversa sobre a situação política, Anna Pavlovna exaltou-se.

— Ah! Não me fale da Áustria! Não compreendo grande coisa, talvez, mas a Áustria não quer, nem nunca quis, a guerra. Trai-nos. A Rússia terá de salvar sozinha a Europa. O nosso benfeitor sabe qual é a sua alta missão, e ser-lhe-á fiel. Eis a única coisa em que acredito. O nosso bom e maravilhoso imperador tem o mais nobre dos papéis a desempenhar no mundo, e é tão virtuoso e tão admirável que Deus não o abandonará, e ajudá-lo-á a cumprir a sua missão, que é a de esmagar a hidra da revolução, ainda mais terrível hoje na pessoa desse assassino e desse celerado. Deveremos resgatar sozinhos o sangue do justo. Com quem podemos contar, pergunto-lhe? A Inglaterra, com o seu espírito mercantil, não compreenderá, e não pode compreender, toda a grandeza de alma do imperador Alexandre. Recusou-se a evacuar Malta. Quer ver, procura, um segundo pensamento atrás das nossas ações. Que disseram eles a Novosiltzev?... Nada. Não compreenderam, não podem compreender a abnegação do nosso impe-

rador, que nada quer para si mesmo e tudo quer para o bem do mundo. E que prometeram? Nada. E, até aquilo que prometeram, não o cumprirão. A Prússia já declarou que Bonaparte é invencível e que a Europa nada pode contra ele... E eu não acredito numa única palavra do que dizem Hardenberg e Haugwitz... Essa famosa neutralidade prussiana não passa de uma armadilha, *une piège*. Só acredito em Deus e no alto destino do nosso querido imperador. Só ele salvará a Europa!... — Anna Pavlovna deteve-se bruscamente, sorrindo do seu próprio ardor.

— Creio — respondeu o príncipe — que, se a tivessem enviado a si, em vez do nosso caro Wintzingerode, teria conseguido de assalto a adesão do rei da Prússia. É muito eloquente. Não me oferece uma chávena de chá?

— Imediatamente. *À propos* — acrescentou, já calma —, terei hoje duas pessoas muito importantes: *le vicomte de Mortemart*, aliado dos Montmorency, pelo lado dos Rohan, e um dos maiores nomes da França. É um dos bons emigrados, dos verdadeiros. *Et puis*, o abade Morio. Já conhece esse espírito profundo? Foi recebido pelo imperador, sabia?

— Ficarei encantado — afirmou o príncipe. — Diga-me — acrescentou, com um ar particularmente natural, como se acabasse naquele instante de se recordar de qualquer coisa, muito embora o que ia perguntar fosse a razão principal da sua visita —, é verdade que a *impératrice-mère* deseja a nomeação do barão Funke para o lugar de primeiro-secretário em Viena? *C'est un pauvre sire, ce baron, à ce qu'il paraît*.

O príncipe Vassili desejava para o filho esse cargo, que, por intermédio da imperatriz Maria Feodorovna, se pretendia conceder ao barão.

Anna Pavlovna quase fechou os olhos, dando assim a entender que nem ela nem ninguém eram juízes dos desejos e da vontade da imperatriz.

— O senhor barão Funke foi recomendado à imperatriz pela irmã — limitou-se a dizer, num tom triste e seco. Quando Anna Pavlovna pronunciou o nome da imperatriz, o seu rosto revestiu-se subitamente de uma expressão de profunda dedicação e sincero respeito, expressão que adotava sempre que, no decurso da conversa, se falava da sua alta protetora. Disse que sua majestade se dignara testemunhar ao barão Funke *beaucoup d'estime*, e uma vez mais o seu olhar velou-se de tristeza.

O príncipe calou-se, com indiferença. Anna Pavlovna, com a sua habilidade e a sua presença de espírito de mulher e de frequentadora assídua da corte, quis desferir-lhe uma frechada por ter ousado exprimir-se daquele modo sobre uma pessoa recomendada à imperatriz, e ao mesmo tempo consolá-lo.

— Mas a propósito da sua família — disse —, sabe que a sua filha, desde que

frequenta a sociedade, faz as delícias de toda a gente? Todos a acham bela como o dia.

O príncipe inclinou-se, em sinal de respeito e de gratidão.

— Penso muitas vezes — continuou Anna Pavlovna, após um instante de silêncio, e aproximando-se do príncipe com um gracioso sorriso, como que para lhe dar a entender que as conversas políticas e mundanas tinham terminado e que ia começar uma conversa íntima —, penso muitas vezes que a sorte, na vida, está muito injustamente repartida. Porque foi que a sorte lhe deu dois filhos tão encantadores (com exceção de Anatole, o seu mais novo, de quem não gosto) — acrescentou, num tom sem réplica e arqueando as sobrancelhas —, dois filhos tão gentis? O senhor é, na realidade, o último a apreciá-los; logo, não os merece. — E espalhou no rosto um sorriso entusiasta.

— Que quer? Lavater diria que não tenho a bossa da paternidade — respondeu o príncipe.

— Basta de brincadeiras. Queria falar-lhe seriamente. Sabe que estou descontente com o seu filho mais novo? Diga-se aqui entre nós — e o seu rosto cobriu-se de uma expressão de tristeza — que se falou dele em presença de sua majestade, e houve quem o lamentasse a si...

O príncipe não respondeu, mas, olhando-o com uma expressão significativa, ela parecia aguardar uma resposta. O príncipe Vassili fez uma careta.

— Que hei de fazer? — disse, finalmente. — Bem sabe que fiz pela educação dos meus filhos tudo o que um pai pode fazer, e qualquer um dos dois rapazes é um imbecil. Hipólito é, ao menos, um imbecil pacífico, enquanto Anatole é um imbecil turbulento. Eis a única diferença — acrescentou com um sorriso mais constrangido e mais significativo do que habitualmente, enquanto os vincos que se lhe formavam nos cantos da boca revelavam mais nitidamente qualquer coisa de brutal e de desagradável.

— Porque é que as pessoas como o senhor têm filhos? Se não fosse pai, nada teria a censurar-lhe — disse Anna Pavlovna, erguendo os olhos com um ar sonhador.

— Sou um seu fiel servidor, e só a si posso confessá-lo. Os meus filhos são o entrave da minha existência. São a minha cruz. É assim que encaro a coisa. *Que voulez-vous?* — E o príncipe calou-se por um instante, exprimindo com um gesto a sua submissão à sorte cruel.

Anna Pavlovna pôs-se pensativa.

— Nunca pensou casar o seu filho pródigo, Anatole? Dizem que as velhas solteiras têm a mania dos casamentos. Não sinto ainda essa inclinação, mas conheço *une petite personne* que é muito infeliz junto do pai. Uma parente nossa, *une princesse Bolkonski*.

O príncipe Vassili não respondeu, mas, com a vivacidade de espírito e a memória das pessoas de sociedade, deu a entender com um sinal de cabeça que tomara nota das indicações.

— Sabe que esse Anatole me custa quarenta mil rublos por ano? — disse, visivelmente incapaz de conter o triste curso dos seus pensamentos. E, após uma curta pausa, acrescentou: — Que será dentro de cinco anos, se isto continua assim? *Voilà l'avantage d'être père*. E é rica, a sua princesa?

— O pai é muito rico e avaro. Vive no campo. O senhor conhece-o, é o famoso príncipe Bolkonski, que teve de abandonar o serviço sob o defunto imperador, e a quem davam o nome de «rei da Prússia». É um homem muito inteligente, mas com bizarras e de um carácter difícil. A pobre pequena é infeliz como as pedras. Tem um irmão, o que desposou recentemente Lisa Meinen, um ajudante de campo de Kutuzov. Deve vir esta noite.

— Escute, *chère Annette* — disse o príncipe, pegando subitamente na mão da sua interlocutora e puxando-a, sabe Deus porquê, para baixo. — Resolva esse assunto e serei para sempre o mais fiel dos seus servidores. É de boa família e rica. É quanto me basta. — E com os gestos fáceis, cheios de graça e de familiaridade que o caracterizavam, beijou a mão da dama de honor, e, tendo-a beijado, sacudiu-a um pouco, recostando-se no divã e olhando de lado.

— *Attendez* — disse Anna Pavlovna —, falarei hoje mesmo a Lisa... a mulher do *jeune Bolkonski*. E é possível que a coisa se arranje. Será na sua família que farei a minha aprendizagem de velha solteirona.

II

Os salões de Anna Pavlovna enchera-se a pouco e pouco. Toda a alta sociedade de Petersburgo estava ali, pessoas das mais diversas, na idade e no carácter, mas todas semelhantes quanto ao mundo a que pertenciam; a filha do príncipe Vassili, a bela Helena, que ia buscar o pai para ir com ele à festa do embaixador, também chegou. Envergava um vestido de baile ornamentado com o brasão da imperatriz. Apareceu igualmente a princesinha Bolkonski, considerada a mais sedutora mulher de Petersburgo, que se casara durante o inverno precedente e cuja gravidez a mantinha de momento afastada da grande sociedade, mas que se mostrava ainda nos serões íntimos. Apareceu finalmente o príncipe Hipólito, filho do príncipe Vassili, acompanhado por Mortemart, que apresentou; assim como o abade Morio e muitos outros.

— Ainda não viu, ou ainda não conhece, *ma tante*? — dizia Anna Pavlovna

aos seus convidados, conduzindo-os com um ar muito sério até junto de uma senhora pequena e idosa, cheia de fitas, que saíra de uma sala vizinha quando a reunião começara a formar-se; apresentava-os, passeando lentamente os olhos do convidado até *ma tante*, depois afastava-se.

Cada convidado cumpria o rito de cumprimentar aquela tia que ninguém conhecia, que a ninguém interessava e de quem ninguém tinha necessidade. Anna Pavlovna assistia aos cumprimentos com uma atenção solene e triste, aprovando em silêncio. *Ma tante* falava a todos, em termos idênticos, da saúde de ambas, a dela própria e a de sua majestade, que, graças a Deus, estava melhor. Todos os que se aproximavam, sem manifestarem pressa, por delicadeza, deixavam a velha senhora com o sentimento de alívio que se experimenta após ter cumprido um dever penoso, para não voltarem a ocupar-se dela durante todo o serão.

A jovem princesa Bolkonski levava o seu trabalho num saco de veludo bordado a ouro. O seu bonito lábio superior, sombreado por um esboço de buço, era demasiado curto para os dentes, mas ela entreabria a boca e baixava-o muito graciosamente sobre o inferior, de sorte que, como sempre acontece nas mulheres perfeitamente sedutoras, este defeito — o lábio demasiado curto e a boca entreaberta — parecia dar-lhe uma atração especial, uma beleza muito sua. Era uma alegria para toda a gente ver aquela futura mãe, bonita, cheia de saúde e de vida, que suportava tão facilmente o seu estado. Os velhos e os jovens aborrecidos tinham a impressão de se tornarem como ela depois de terem passado algum tempo na sua companhia. Os que lhe falavam e que, a cada palavra, viam o seu claro sorriso e o brilho dos seus dentes muito brancos, descobrindo-se incessantemente, julgavam-se particularmente amáveis nesse dia. E esta era a impressão geral.

Com passos pequenos e rápidos, balançando-se, a princesinha, levando na mão o seu saco, deu a volta à mesa e, compondo alegremente o vestido, sentou-se num divã, perto do samovar de prata, como se tudo o que fizesse fosse um prazer para ela e para os que a rodeassem.

— Trouxe o meu trabalho — disse, abrindo o seu indispensável e dirigindo-se a todos ao mesmo tempo. — Veja lá, Annette, não me pregue uma partida — acrescentou, desta vez para a dona da casa. — Escreveu-me dizendo que era um pequeno serão, e veja como venho arranjada.

E abriu os braços para mostrar o elegante vestido cinzento guarnecido de rendas e preso por uma larga faixa um pouco abaixo dos seios.

— Fique tranquila, Lisa, *vous serez toujours la plus jolie* — respondeu Anna Pavlovna.

— Sabem que o meu marido me abandona? — continuou a princesinha, voltando a dirigir-se a todos. — Vai deixar-se matar. Diga-me, porquê esta mal-

dita guerra? — perguntou ao príncipe Vassili. E, sem esperar resposta, voltou-se para a filha do príncipe, a bela Helena.

— Que pessoa deliciosa, essa *petite princesse* — disse em voz baixa o príncipe Vassili, falando com Anna Pavlovna.

Um jovem gordo e maciço, de cabelos curtos, com óculos, usando umas calças claras à moda de então, uma alta cartola e uma casaca castanha, entrou pouco depois da princesinha. Esse jovem era filho natural de um célebre grande senhor do reinado de Catarina, o conde Bezukhov, que morria em Moscovo. Não exercia ainda qualquer atividade, acabava de regressar do estrangeiro, onde fora educado, e mostrava-se pela primeira vez na sociedade. Anna Pavlovna dirigiu-lhe a saudação que destinava às pessoas situadas mais abaixo na hierarquia do seu salão. Mas a despeito deste acolhimento de qualidade inferior, ao ver Pierre entrar, o rosto de Anna Pavlovna refletiu a inquietação e o temor que se sentem à vista de qualquer coisa demasiado grande e deslocada. Se bem que Pierre fosse na verdade um pouco mais alto do que a maioria dos homens presentes, este temor só podia ter por causa o seu olhar inteligente e ao mesmo tempo tímido, observador e natural, que o distinguia de todos os outros no salão.

— Foi muito amável da sua parte, *monsieur Pierre*, ter vindo a casa de uma pobre doente — disse Anna Pavlovna, trocando um olhar inquieto com a tia, até junto de quem acompanhou o jovem. Pierre balbuciou algumas palavras ininteligíveis e continuou a procurar qualquer coisa com os olhos. Sorriu alegremente, ao saudar como um amigo a pequena princesa, e aproximou-se da tia. Os temores de Anna Pavlovna não eram vão, pois Pierre deixou a tia sem ter escutado até ao fim o que ela dizia a respeito da saúde de sua majestade. Anna Pavlovna, cada vez mais assustada, reteve-o com estas palavras:

— Não conhece o abade Morio? É muito interessante...

— Sim, ouvi falar do seu projeto de paz perpétua e acho-o muito interessante, mas irrealizável...

— Acha que sim? — disse Anna Pavlovna, para dizer qualquer coisa e poder voltar aos seus deveres de dona de casa, mas Pierre cometeu o erro de delicadeza inverso. Momentos antes, afastara-se sem esperar que a sua interlocutora acabasse de falar; naquele instante, retinha com a sua conversa uma outra que tinha necessidade de o deixar. Com a cabeça inclinada e as compridas pernas afastadas, começou a explicar porque considerava uma quimera o projeto do abade Morio.

— Já falamos a esse respeito — interrompeu-o Anna Pavlovna, sorrindo.

E, desembaraçando-se do jovem que não sabia viver, voltou às suas funções de dona de casa, continuando a prestar atenção e a observar, pronta a acudir onde quer que a conversa esmorecesse. Como o patrão de uma oficina de tecelagem

que, tendo instalado nos respectivos lugares os seus operários, passeia pelo seu estabelecimento, e, apercebendo-se da paragem de um tear ou de qualquer ruído insólito, rangente ou demasiado forte, se apressa a devolver-lhe a cadência devida, assim Anna Pavlovna, andando de um lado para o outro no seu salão, se aproximava de um grupo que se calava ou falava demasiado, e, com uma palavra ou um reagrupamento, restabelecia o funcionamento regular e decente da máquina de falar. Porém, no meio destas preocupações, era visível que as suas apreensões no que respeitava a Pierre não a abandonavam. Seguiu-o com um olhar inquieto quando ele se aproximou para escutar o que se dizia em torno de Mortemart, e depois, quando se dirigiu a outro grupo onde se encontrava o abade. Para Pierre, educado no estrangeiro, aquele serão era o primeiro a que assistia na Rússia. Sabia que estava ali reunida toda a sociedade culta de Petersburgo, e os seus olhos iam de um para o outro lado, como os de uma criança numa loja de brinquedos. Temia a todo o instante perder alguma conversa interessante. Ao ver a distinção e o ar seguro das personagens ali reunidas, esperava incessantemente ouvir qualquer coisa de particularmente inteligente. Aproximou-se por fim de Morio. A conversa pareceu-lhe interessante e deteve-se, à espreita de uma ocasião de expor a sua maneira de ver, como gostam de fazer os jovens.

III

O serão de Anna Pavlovna estava lançado. Todos os teares ronronavam regularmente e sem pausas. Com exceção de *ma tante*, que só tinha junto de si uma dama de certa idade, de rosto magro devastado pelas lágrimas e que parecia um pouco deslocada naquela brilhante sociedade, os convidados haviam-se dividido em três grupos. Um, composto na sua maioria por homens, tinha por centro o abade; outro, um grupo de jovens, a bela princesa Helena, filha do príncipe Vassili, e a bonita princesinha Bolkonski, muito rosada, demasiado forte para a sua idade; o terceiro, Mortemart e Anna Pavlovna.

O visconde era um jovem agradável, de feições finas e modos suaves, que aparentemente se julgava uma celebridade, mas que, por boa educação, deixava modestamente beneficiar da sua presença a sociedade em que se encontrava. Segundo toda a evidência, Anna Pavlovna oferecia-o como presente aos seus convidados. Tal como um bom *maitre d'hôtel* que apresenta como uma coisa indizivelmente deliciosa uma peça de carne que ninguém quereria se a visse numa cozinha suja, Anna Pavlovna servia nessa noite aos seus convidados, primeiro, o visconde, depois, o abade, como cúmulo do refinamento. No grupo de Morte-

mart, a conversa recaiu imediatamente no tema do assassinio do duque de Enghien. O visconde declarou que o duque fora vítima da sua grandeza de alma e que o ressentimento de Bonaparte tinha motivos particulares.

— *Ah! Voyons*. Conte-nos isso, visconde — disse Anna Pavlovna, que sentia com alegria, nesta frase, um pequeno perfume *à la Louis xiv* —, *contez-nous cela, vicomte*.

O visconde inclinou-se, em sinal de obediência, e sorriu com cortesia.

— O visconde conheceu pessoalmente o senhor duque — murmurava a dona da casa a um convidado.

— O visconde é um perfeito *conteur* — dizia a outro.

— Como se conhece o homem de sociedade — comentava em benefício de um terceiro.

E, assim, o visconde foi servido sob o seu aspeto mais distinto e mais vantajoso, como um rosbife numa travessa quente, enfeitado com salsa.

Pronto a começar o seu relato, o visconde esboçou um fino sorriso.

— Venha para aqui, *chère* Helena — disse Anna Pavlovna à bela princesa, sentada no centro de um outro grupo.

A princesa Helena sorria; levantou-se com o mesmo sorriso inalterável de mulher perfeitamente bela com que entrara no salão. Com um ligeiro frufu do seu vestido de baile branco, decorado com hera e musgo, com o deslumbramento dos seus ombros brancos, o brilho dos seus cabelos e dos diamantes, passou por entre os homens, que se afastavam à sua frente, e, muito direita, sem olhar para ninguém mas sorrindo a todos, como que dando graciosamente a cada um o direito de admirar a beleza da sua silhueta, dos seus ombros cheios, da sua garganta e das suas costas generosamente decotadas à moda de então, foi juntar-se a Anna Pavlovna, parecendo levar consigo todo o esplendor de um baile. Helena era tão bela que não só não se via nela a mais pequena sombra de coqueteria como, pelo contrário, dava a impressão de se sentir incomodada pela sua beleza incontestável e pela sua força demasiado poderosa, demasiado triunfante. Parecia tentar, em vão, atenuar-lhe o efeito.

— Que maravilhosa pessoa! — diziam todos ao vê-la. Como que ofuscado, o visconde ergueu os ombros e baixou os olhos, enquanto ela se sentava à sua frente e o iluminava com o mesmo sorriso imutável.

— *Madame*, temo pelas minhas possibilidades ante um tal auditório — disse Mortemart, inclinando-se com um sorriso. A princesa apoiou o braço nu e cheio numa pequena mesa e não julgou necessário responder. Aguardava, sorrindo. Enquanto durou o relato, manteve-se ereta, olhando de vez em quando para o seu braço, nu e cheio, que repousava levemente sobre a mesa, ou para a garganta,

mais bela ainda, sobre a qual compunha o seu colar de diamantes; pôs várias vezes em ordem as dobras do vestido e, quando o relato fazia efeito, voltava-se para Anna Pavlovna e copiava imediatamente a expressão refletida no rosto da dama de honor, após o que fixava de novo o seu sorriso deslumbrante. Depois, a princesinha abandonou por sua vez a mesa de chá.

— Esperem um pouco, vou buscar o meu trabalho — disse. — *Voyons*, em que está a pensar? — continuou, dirigindo-se ao príncipe Hipólito. — Traga-me o meu indispensável.

Sorrindo e falando a todos, a princesa mudou vivamente de lugar e, uma vez sentada, compôs alegremente o vestido.

— Agora estou bem — disse, e, pedindo que recomeçassem, pôs-se a trabalhar.

O príncipe Hipólito, que lhe tinha levado o indispensável, puxou um cadeirão para junto do dela e sentou-se a seu lado.

O *charmant* Hipólito impressionava pela sua extraordinária semelhança com a irmã e ainda mais por ser, a despeito dessa semelhança, de uma extrema fealdade. Tinham as mesmas feições, mas nela tudo era iluminado pelo seu imutável sorriso satisfeito, jovem, respirando a alegria de viver, e pela rara beleza antiga do seu corpo; no irmão, pelo contrário, o mesmo rosto era velado pela estupidéz e refletia invariavelmente um humor impertinente, cheio de suficiência, enquanto o corpo era magro e feio. Os olhos, o nariz, a boca, tudo se contraía numa espécie de careta vaga e entediada, e os braços e as pernas adotavam sempre posturas a que faltava naturalidade.

— Não é uma história de almas do outro mundo? — perguntou, sentando-se junto da princesa e ajustando apressadamente o *lorgnon*, como se não pudesse começar a falar sem esse instrumento.

— *Mais non, mon cher* — respondeu, encolhendo os ombros, o surpreendido narrador.

— É que detesto histórias de almas do outro mundo — afirmou o príncipe Hipólito, num tom que provava que tinha falado antes de compreender o significado das palavras.

Dado o aprumo com que se expressava, ninguém compreendeu se aquilo que dissera fora muito estúpido ou muito inteligente. Vestia uma casaca de um verde carregado, umas calças *cuisse de nymphe effrayée*, como ele próprio dizia, meias e escarpins.

O visconde contou, muito agradavelmente, a anedota que circulava então sobre uma visita secreta que o duque de Enghien fizera a Paris, para ver *mademoiselle* George; em casa dela encontrara Bonaparte, que desfrutava igualmente

dos favores da célebre comediante, e, no momento do encontro, quisera o acaso que Napoleão desmaiasse, como lhe acontecia por vezes, ficando à mercê do duque, oportunidade que este não quis aproveitar; mas foi desta generosidade que Napoleão se vingou mais tarde, mandando assassinar o duque.

O relato foi muito bonito e interessante, sobretudo no ponto em que os dois rivais, encontrando-se subitamente, se reconhecem, e as damas pareceram comovidas.

— *Charmant* — disse Anna Pavlovna, dirigindo um olhar interrogador à princesinha.

— *Charmant* — murmurou a princesinha, espetando a agulha no trabalho, como que para dizer que o interesse e o encanto do relato a impediam de o continuar.

O visconde apreciou esta homenagem muda e, com um sorriso de agradecimento, prosseguiu a sua narração. Porém, Anna Pavlovna não deixava de observar o jovem que lhe inspirava temores, apercebeu-se nesse momento de que ele falava demasiado alto e com demasiado fogo ao abade, e voou em socorro do ponto ameaçado. Efetivamente, Pierre conseguira entabular com o abade uma conversa sobre o equilíbrio político, e o abade, visivelmente interessado pelo ingénuo ardor do jovem, desenvolvia ante ele a sua tese favorita. Ambos falavam e escutavam com demasiada animação e naturalidade, e foi isso o que desagradou a Anna Pavlovna.

— O único meio é o equilíbrio europeu e o direito das gentes — dizia o abade. — Basta que um Estado poderoso, como a Rússia, reputada de bárbara, se coloque de uma maneira desinteressada à cabeça de uma liga, tendo por objetivo o equilíbrio da Europa, e salvará o mundo!

— E como encontrará esse equilíbrio? — começou Pierre, mas Anna Pavlovna chegou nesse instante e, olhando-o duramente, perguntou ao interlocutor do jovem como suportava o clima local. O rosto do italiano mudou bruscamente e adotou a expressão suave e hipócrita que lhe era manifestamente habitual quando falava com mulheres.

— Estou tão seduzido pelos encantos de espírito e de cultura da sociedade, sobretudo feminina, em que tive a felicidade de ser recebido, que não dispus ainda de tempo para pensar no clima — respondeu.

Sem largar o abade nem Pierre, Anna Pavlovna, a fim de poder vigiá-los melhor, arrastou-os para o grupo principal.

Neste instante, uma nova personagem entrou no salão. Era o jovem príncipe André Bolkonski, o marido da princesinha. O príncipe Bolkonski era um belo rapaz de estatura média, de feições nítidas e secas. Tudo na sua pessoa, desde o

olhar cansado, aborrecido, até ao seu caminhar lento e medido, contrastava violentamente com a vivacidade da sua pequena esposa. Visivelmente, todos naquele salão eram tão seus conhecidos que vê-los e ouvi-los o entediava mortalmente. Mas, de todos os que o aborreciam, a mulher era quem parecia aborrecê-lo mais. Com uma careta que alterou o seu belo rosto, desviou-se dela. Beijou a mão de Anna Pavlovna e, franzindo os olhos, examinou toda a assistência.

— Alista-se para a guerra, *mon prince*? — perguntou Anna Pavlovna.

— *Le général* Kutuzov — respondeu Bolkonski, acentuando a última sílaba, à francesa — quis escolher-me como ajudante de campo.

— E Lisa, *votre femme*?

— Irá instalar-se no campo.

— Como não tem vergonha de nos privar da sua encantadora mulher?

— *André* — disse a princesinha, falando ao marido no mesmo tom de coqueteria que utilizava para falar aos desconhecidos —, que história o visconde nos contou sobre *mademoiselle* George e sobre Bonaparte!

O príncipe André fechou os olhos e voltou a cara. Pierre, que, desde a sua entrada, não tirava dele um olhar amistoso e alegre, aproximou-se e pegou-lhe num braço. O príncipe, sem se voltar, fez uma careta de despeito para quem lhe pegava no braço, mas, ao ver o rosto sorridente de Pierre, dirigiu-lhe um sorriso inesperado, agradável e bom.

— Tu também, na grande sociedade? — perguntou.

— Sabia encontrá-lo aqui — respondeu Pierre. — Irei cear a sua casa — acrescentou, em voz baixa, para não perturbar o visconde, que continuava a sua narração. — Posso?

— Não, não podes — respondeu o príncipe André, rindo e dando-lhe a entender com uma pressão da mão que nem precisava de perguntar. Ia acrescentar qualquer coisa, mas neste momento o príncipe Vassili e a filha levantaram-se, e os homens imitaram-nos para os deixarem passar.

— Desculpe-me, meu caro visconde — disse o príncipe Vassili ao francês, segurando-o amistosamente por uma manga, para o impedir de se levantar. — Essa desgraçada festa em casa do imperador priva-me de um prazer e interrompe-o. Estou desolado por ter de abandonar o seu encantador serão — acrescentou, dirigindo-se a Anna Pavlovna.

A filha, a princesa Helena, passou por entre as cadeiras segurando levemente as dobras do vestido, e o sorriso brilhava ainda mais claro no seu belo rosto. Pierre olhou para aquela beleza com olhos maravilhados, quase assustados, quando ela passou diante dele.

— É muito bela — disse o príncipe André.

— Sim, muito bela — respondeu Pierre.

Ao passar, o príncipe Vassili pegou num braço de Pierre e voltou-se para Anna Pavlovna.

— Domestique-me este urso — disse. — Há um mês que está em minha casa e é a primeira vez que o vejo em sociedade. Nada é mais necessário a um jovem do que a sociedade de mulheres de espírito.

IV

Anna Pavlovna sorriu e prometeu ocupar-se de Pierre, que, bem o sabia, era aparentado ao príncipe Vassili pelo pai. A dama de uma certa idade que estava sentada junto de *ma tante* levantou-se apressadamente e alcançou o príncipe Vassili no vestíbulo. Toda a altivez desaparecera das suas feições. O seu belo rosto devastado pelas lágrimas só refletia inquietação e temor.

— Que pode dizer-me, príncipe, a respeito do meu Boris? — perguntou, ao alcançá-lo. (Pronunciava o nome de Boris acentuando particularmente o «o».) — Não posso ficar mais tempo em Petersburgo. Diga-me, que notícias posso levar ao meu pobre filho?

Ainda que o príncipe Vassili a escutasse de má vontade e quase indelicadamente, manifestando até impaciência, ela sorria-lhe com uma tocante amabilidade, e, para o impedir de se afastar, pegou-lhe num braço.

— Nada lhe custaria dizer uma palavra ao imperador, e o meu filho seria diretamente transferido para a guarda — acrescentou.

— Creia-me que farei tudo o que puder, princesa — respondeu o príncipe. — Mas é-me difícil solicitar o imperador; aconselhá-la-ia a dirigir-se a Rumiantzev, por intermédio do príncipe Golitzine: seria o melhor.

A dama idosa chamava-se princesa Drubetzkoï, um dos maiores nomes da Rússia, mas era muito pobre, renunciara havia muito a frequentar a sociedade, e perdera as suas antigas relações. Fora a Petersburgo a fim de obter a transferência do seu único filho para a guarda. Para ver o príncipe Vassili, fizera-se convidar para casa de Anna Pavlovna, e só por isso escutara o relato do visconde. As palavras do príncipe Vassili assustaram-na; o seu rosto, outrora belo, traiu irritação, mas isto durou apenas um instante. Sorriu novamente, e agarrou-se ainda com mais força ao braço do príncipe Vassili.

— Escute, príncipe — disse. — Nunca lhe pedi coisa alguma, nunca mais lhe pedirei seja o que for, nunca lhe recordei a amizade que meu pai teve por si. Mas, agora, peço-lhe em nome do Céu, faça isso pelo meu filho e considerá-lo-ei meu

benfeitor — acrescentou, apressadamente. — Não, não se zangue, prometa-me que o fará. Já o pedi a Golitzine, e ele recusou. Seja o bom rapaz que sempre foi. — E a velha princesa esforçou-se por sorrir, apesar de ter lágrimas nos olhos.

— Papá, vamos chegar atrasados — queixou-se a princesa Helena, que aguardava junto da porta, voltando para o pai a bela cabeça, suportada por uns ombros dignos de estátua antiga.

A influência no mundo é, todavia, um capital de que é preciso cuidar, para o impedir de se esgotar. O príncipe Vassili sabia-o e, tendo uma vez compreendido que se intervisse em favor de todos os que lho solicitavam nada poderia pedir para si mesmo, raramente usava o seu crédito. No caso da princesa Drubetzkoï, sentiu, no entanto, após o seu novo apelo, qualquer coisa que se assemelhava a remorsos. O que ela lhe recordava era verdade; ficara a dever os seus primeiros passos na carreira ao pai daquela mulher. Além disso, via pela sua maneira de agir que era uma dessas mulheres, sobretudo uma dessas mães, que, tendo metido uma coisa na cabeça, não desistem sem terem conseguido o que querem e, no caso contrário, estão prontas a insistir todos os dias, a todos os instantes, e até a fazer cenas. Esta última consideração abalou-o.

— *Chère Anna Mikhailovna* — respondeu, pondo na voz a sua familiaridade e o seu tédio habituais —, é-me quase impossível conseguir o que deseja, mas, para lhe provar todo o afeto que tenho por si e quanto reverencio a memória de seu pai, farei o impossível: o seu filho será transferido para a guarda, dou-lhe a minha palavra. Fica contente?

— Meu caro, é o meu benfeitor! Não esperava menos de si, sabendo como é bom.

O príncipe quis afastar-se.

— Espere, ainda uma palavra. Uma vez transferido para a guarda... — a velha dama hesitou. — O senhor conhece bem Miguel Ilarionovitch Kutuzov, recomende-lhe Boris como ajudante de campo. Assim ficarei tranquila, e então...

O príncipe Vassili sorriu.

— Isso já não lho prometo. Não faz ideia de como Kutuzov é assediado desde que foi nomeado comandante em chefe. Ele próprio me dizia que todas as damas moscovitas se puseram de acordo para lhe impor os filhos como ajudantes de campo.

— Sim, prometa-mo, ou não o deixarei, meu benfeitor.

— Papá — repetiu no mesmo tom a bela Helena —, vamos chegar atrasados.

— Vamos, *au revoir*, adeus. Está a ver...

— Falará amanhã ao imperador?

— Absolutamente, mas quanto a Kutuzov, nada lhe prometo.

— Sim, prometa, prometa, Vassili — disse Anna Mikhailovna com um sorriso de jovem coquete que, antigamente, devia ser-lhe habitual, mas que ficava agora mal ao seu rosto emurchecido.

Esquecera visivelmente a sua idade e, por hábito, deitava mão a todos os seus recursos femininos de outrora. Porém, quando o príncipe saiu, o rosto retomou a expressão fria, constrangida, de momentos antes. Juntou-se ao grupo no qual o visconde continuava a narrar, e fingiu novamente estar a ouvir, aguardando o momento de partir, pois a sua missão fora cumprida.

— Mas que pensa desta última comédia *du sacre de Milan*? — perguntou Anna Pavlovna. — E a nova comédia dos povos de Génova e de Luca que vão render preito a *monsieur* Bonaparte? Bonaparte sentado num trono e recebendo os votos das nações! Adorável! É de enlouquecer! Dir-se-ia que o mundo inteiro perdeu a cabeça!

O príncipe André sorriu, olhando Anna Pavlovna nos olhos:

— *Dieu me la donne, gare à qui la touche* [Deus ma dá, pobre de quem lhe tocar] — disse palavras de Napoleão aquando da coroação. — Diz-se que foi muito belo ao pronunciar estas palavras.

E André repetiu a frase em italiano.

— *Dio me la dona, guai a chi la tocca.*

— Espero — continuou Anna Pavlovna — que essa tenha sido finalmente a gota de água que fará transbordar o copo. Os soberanos não podem continuar a tolerar esse homem, que ameaça tudo.

— Os soberanos? Não falo da Rússia — respondeu o visconde, com um ar cortês e desiludido. — *Les souverains, madame!* Que fizeram eles por Luís XVII, pela rainha, por *madame* Elizabeth? Nada — continuou, animando-se. — E, creia, sofrem o castigo da sua traição à causa dos Bourbon. Os soberanos? Mandam embaixadores cumprimentar o usurpador.

E, com um suspiro desdenhoso, mudou de posição. O príncipe Hipólito, que tinha observado longamente o visconde através do seu *lorignon*, voltou-se subitamente para a pequena princesa, como se fosse de uma só peça, e, pedindo-lhe uma agulha, pôs-se a explicar-lhe, desenhando-as na mesa, as armas dos Condé. Fê-lo com um ar tão importante como se ela lho tivesse pedido.

— Pau de goles ornado com espiguiha de goles de azul: casa Condé — dizia. A princesa escutava, sorrindo.

— Se Bonaparte permanece mais um ano no trono da França — afirmou o visconde, continuando a conversa, como alguém que não escuta os outros mas, num assunto que conhece melhor do que ninguém, segue apenas o curso dos seus próprios pensamentos —, as coisas irão demasiado longe. Através da intriga,

da violência, do exílio, das execuções, a sociedade francesa, entenda-se a boa sociedade, será aniquilada para sempre, e então...

Encolheu os ombros e abriu os braços, com desolação. Pierre quis dizer a sua palavra: a conversa interessava-o, mas Anna Pavlovna vigiava-o e não lhe deu tempo.

— O imperador Alexandre — disse, com essa tristeza que nunca a abandonava quando falava da família imperial — declarou que deixaria os franceses escolherem eles próprios a sua forma de governo. Penso que não há dúvida de que toda a nação, uma vez libertada do usurpador, se lançará nos braços do seu rei legítimo — concluiu, desejosa de se mostrar amável para com o emigrado e o realista.

— É duvidoso — disse o príncipe André. — *Monsieur le vicomte* tem razão ao pensar que as coisas já foram demasiado longe. Creio que seria difícil voltar atrás.

— Segundo o que ouvi dizer — interveio novamente Pierre, corando —, já quase toda a nobreza se aliou a Napoleão.

— Isso é o que dizem os bonapartistas — respondeu o visconde, sem olhar para Pierre. — É difícil conhecer atualmente a verdadeira opinião pública na França.

— Bonaparte disse-o — fez notar o príncipe André, com um sorriso. (Era evidente que o visconde lhe desagradava e que, embora não olhasse para ele, as suas palavras eram-lhe dirigidas.) — «Mostrei-lhes o caminho da glória e não quiseram segui-lo; abri-lhes as minhas antecâmaras e precipitaram-se nelas como um rebanho.» Não sei até que ponto teve o direito de o dizer...

— Nenhum — retorquiu o visconde. — Desde o assassinio do duque, até os seus mais acalorados partidários deixaram de ver nele um herói. Mesmo que tenha chegado a ser um herói *pour certaines gens* — acrescentou, voltando-se para Anna Pavlovna —, desde o assassinio do duque há um mártir mais no céu, um herói menos na terra...

Anna Pavlovna e os outros mal tiveram tempo de aprovar com um sorriso as palavras do visconde, quando Pierre se embrenhou de novo na conversa, e Anna Pavlovna, apesar de pressentir que o jovem ia dizer enormidades, não pôde detê-lo.

— A execução do duque de Enghien foi uma necessidade de Estado — afirmou Pierre — e vejo grandeza de alma precisamente no facto de Napoleão não ter temido assumir sozinho a responsabilidade desse ato.

— *Dieu, mon Dieu!* — exclamou a dona da casa, num murmúrio assustado.

— Como, *monsieur Pierre*, acha que o assassinio é grandeza de alma? — perguntou a princesinha, sorrindo e puxando para si o seu trabalho.

— Ah! Oh! — exclamaram várias vozes.

— *Capital!* — disse em inglês o príncipe Hipólito, batendo no joelho com a palma da mão. O visconde contentou-se com um encolher de ombros.

Pierre olhou solenemente por cima dos óculos para os seus interlocutores.

— Falo assim — continuou, como quem se atira à água — porque os Bourbon fugiram da Revolução, abandonando o povo à anarquia; Napoleão foi o único a compreender a Revolução, a vencê-la, e foi por isso que, para o bem geral, não pôde recuar ante o sacrifício da vida de um indivíduo.

— Não quer passar à outra mesa? — perguntou Anna Pavlovna, mas, sem lhe responder, Pierre continuou a falar.

— Sim — dizia, cada vez mais animado —, Napoleão é grande porque se elevou acima da Revolução, reprimiu-lhe os abusos conservando-lhe tudo o que tinha de bom... a igualdade dos cidadãos, a liberdade da palavra e da imprensa... e foi só por isso que obteve o poder.

— Sim, se, ao obter o poder, o tivesse transmitido ao rei legítimo, sem o aproveitar para assassinar, então chamar-lhe-ia um grande homem — disse o Visconde.

— Não poderia fazê-lo. O país só lhe dera o poder para que ele o desembaraçasse dos Bourbon, e porque via nele um grande homem. A Revolução foi uma grande coisa — continuou Pierre, revelando com este incidente audacioso e cheio de desafio a sua juventude e o seu desejo de dizer o mais rapidamente possível todo o seu pensamento.

— A revolução e o regicídio são uma grande coisa?... Depois disto... Mas não quer passar à outra mesa? — repetiu Anna Pavlovna.

— O Contrato Social — disse o visconde, com um sorriso indulgente.

— Não falo do regicídio, falo de ideias.

— Sim, a ideia de pilhagem, de assassinio e de regicídio — interrompeu novamente uma voz irónica.

— Foram excessos, bem entendido, e o essencial não está aí, mas nos direitos do homem, na libertação dos preconceitos e na igualdade dos cidadãos; e todas estas ideias, Napoleão manteve-as em toda a sua força.

— A liberdade e a igualdade — disse desdenhosamente o visconde, que parecia finalmente decidido a demonstrar seriamente àquele jovem toda a estupidez das suas afirmações — são grandes palavras, há muito comprometidas. Quem não ama a igualdade e a liberdade? Já o nosso Salvador as ensinava. Os homens são mais felizes depois da Revolução? Pelo contrário. Éramos nós que queríamos a liberdade, foi Bonaparte quem a destruiu.

O príncipe André, sorrindo, olhava ora para Pierre, ora para o visconde,

ora para a dona da casa. No primeiro instante, Anna Pavlovna ficara completamente aturdida pela saída de Pierre, a despeito de toda a sua experiência de sociedade, mas quando se apercebeu de que, por sacrílegas que fossem as suas palavras, o visconde não se exaltava, e quando se convenceu de que não poderia abafar a conversa, reuniu as suas forças e, aliando-se ao visconde, atacou o orador.

— *Mais, mon cher monsieur Pierre* — disse —, como explica então que um tão grande homem tenha mandado executar o duque, enfim, digamos apenas um homem, sem julgamento e sem que ele fosse culpado?

— E eu perguntar-lhe-ia — acrescentou o visconde —, como explica o senhor o dezoito de Brumário? Não foi um engano? Foi um escamoteamento que de modo algum se assemelha ao modo de agir de um grande homem.

— E os prisioneiros que mandou chacinar na África? — perguntou por sua vez a princesinha. — É horrível! — E esboçou um gesto de medo.

— É um patife, pode ter a certeza — afirmou o príncipe Hipólito.

Pierre, sem saber a quem responder, percorreu todos com o olhar e sorriu. O seu sorriso não se assemelhava ao dos outros, que se confundia com a ausência de sorriso. Nele, pelo contrário, quando o sorriso nascia, a sua expressão séria e até um pouco maçuda desaparecia subitamente, de um só golpe, dando lugar a uma outra, infantil, boa, até simplória, que parecia pedir desculpa.

Foi evidente para o visconde, que o via pela primeira vez, que aquele jacobino não era tão terrível como as suas palavras. Todos se calaram.

— Como querem que responda a todos ao mesmo tempo? — interveio o príncipe André. — Além disso, nas ações de um homem de Estado, é preciso distinguir as ações do simples particular das do chefe de exército e das do imperador. É o que me parece.

— Sim, sim, bem entendido — recomeçou Pierre, satisfeito com aquele reforço.

— É impossível deixar de o reconhecer — continuou André. — Napoleão, como homem, é grande na Ponte de Arcole, no hospital de Jafa, onde estende a mão aos empastados, mas... mas há outras ações que são difíceis de justificar.

O príncipe André, que tinha visivelmente pretendido atenuar a pouca subtileza das palavras de Pierre, levantou-se para partir e fez sinal à mulher.

Subitamente, o príncipe Hipólito pôs-se de pé e, pedindo a todos com um gesto que continuassem sentados, começou a falar:

— Ah! Hoje contaram-me uma deliciosa anedota moscovita. Desculpar-me-á, visconde, é preciso que a conte em russo. De outro modo não se sentirá o sal da história.

E o príncipe Hipólito pôs-se a falar russo com o sotaque de um francês que tivesse passado um ano na Rússia. Todos os olhares se voltaram para ele, tão grandes eram a animação e a insistência com que reclamava atenção para a sua história.

— À Moscou há *une dame*. É muito avara. Tinha necessidade de dois *valets de pied* atrás da sua caleche. E de elevada estatura. Tal era o seu gosto. Tinha também uma *femme de chambre* mais alta ainda. Disse-lhe...

Aqui o príncipe Hipólito interrompeu-se, reunindo as suas ideias com uma dificuldade visível.

— Disse-lhe... sim, disse-lhe: «Minha filha (*à lá femme de chambre*), veste a libré e vem comigo, atrás da caleche, *faire des visites*.»

O príncipe irrompeu em gargalhadas muito antes dos seus ouvintes, o que causou uma má impressão para o narrador. No entanto, muitas pessoas sorriram, entre elas Anna Pavlovna e a dama idosa.

— E saiu. Subitamente, levantou-se uma grande ventania. A criada de quarto perdeu o chapéu, e os seus compridos cabelos desataram-se...

Neste ponto, incapaz de se conter por mais tempo, o príncipe riu-se perdidamente, concluindo:

— E toda a gente soube...

Assim terminou a anedota. Apesar de não compreender por que motivo ele a contara e, principalmente, porque fora indispensável contá-la em russo, Anna Pavlovna e os outros apreciaram a cortesia mundana do príncipe Hipólito, que pusera tão agradavelmente fim à saída penosa e pouco amável de Pierre. A conversa, após a anedota, dispersou-se por banalidades, sobre bailes passados e futuros, sobre espetáculos, sobre próximas ocasiões de se reencontrarem todos.

V

Depois de terem agradecido a Anna Pavlovna o seu encantador serão, os convidados começaram a sair.

Pierre era desajeitado. Gordo, grande, de uma estatura acima da média, com enormes mãos avermelhadas, não sabia, como se disse, entrar num salão, e sabia ainda menos sair, isto é, dizer algumas palavras particularmente amáveis antes de se retirar. Ainda por cima, era distraído. Ao levantar-se, em vez de pegar no seu chapéu, deitou mão a um empenachado tricórnio de general, por cujo penacho puxou até que o general lhe pediu que lho entregasse. Mas toda a

sua distração e toda a sua inaptidão para entrar num salão eram resgatadas pela sua expressão de bonomia, simples e modesta. Anna Pavlovna voltou-se para ele, concedendo-lhe com mansuetude cristã o perdão pela sua saída, e fez-lhe um pequeno sinal de cabeça, dizendo:

— Espero voltar a vê-lo, mas espero também que mude de ideias, meu caro senhor Pierre.

Ele nada respondeu, contentando-se em inclinar-se e mostrar uma vez mais a todos o seu sorriso, que significava apenas: «As ideias são as ideias, mas bem veem que bom rapaz sou.» Todos, até Anna Pavlovna, o sentiram instintivamente.

O príncipe André passou ao vestibulo e, apresentando os ombros ao laçao que lhe colocava o manto, escutava com indiferença a tagarelice da mulher com o príncipe Hipólito, que os tinha seguido. O príncipe Hipólito estava junto da bonita princesinha grávida e mirava-a com insistência através do seu *lorgnon*.

— Volte para dentro, Annette, vai apanhar frio — disse a princesa, despedindo-se de Anna Pavlovna. E, em voz baixa, acrescentou: — Está combinado.

Anna Pavlovna tivera já tempo de falar a Lisa do casamento que projetava entre Anatole e a cunhada da princesa.

— Conto consigo, querida amiga — respondeu Anna Pavlovna, também em voz baixa. — Escrever-me-á e dir-me-á como encara o pai a coisa. *Au revoir*. — E abandonou o vestibulo.

O príncipe Hipólito aproximou-se de Lisa e, inclinando o rosto para o dela, falou-lhe em voz baixa.

Dois criados, o da princesa e o dele, que aguardavam o fim da conversa, seguravam, respetivamente, o xaile e a sobrecasaca, e ouviam-nos falar em francês, língua que não compreendiam, como se percebessem o que se dizia mas não quisessem dá-lo a entender. A princesa, como sempre, falava sorrindo e escutava rindo.

— Estou muito contente por não ter ido a casa do embaixador — dizia o príncipe. — É de um aborrecimento... Serão encantador, não é verdade? Realmente encantador.

— Diz-se que o baile será muito belo — respondeu a princesa, levantando o lábio sombreado por uma suspeita de buço. — Todas as mulheres bonitas da sociedade estarão presentes.

— Nem todas, uma vez que não irá — afirmou o príncipe Hipólito, rindo alegremente e tirando o xaile das mãos do criado, que chegou até a empurrar, para o colocar sobre os ombros da princesa. Por descuido ou propositamente

(ninguém saberia dizê-lo), tardou bastante, uma vez colocado o xaile, a retirar as mãos, como se quisesse abraçar a jovem.

Ela afastou-se com graça, mas sempre sorrindo, voltou-se e olhou para o marido. André tinha os olhos fechados e parecia extremamente cansado e ensonado.

— Está pronta? — perguntou à mulher, envolvendo-a com o olhar.

O príncipe Hipólito enfiou rapidamente a sobrecasaca, que, à moda da época, lhe chegava quase até aos calcanhares, e correu atrás da princesa, a quem o criado ajudava a subir para a carruagem.

— *Princesse, au revoir!* — gritou, com a língua tão embaraçada como as pernas.

Levantando a orla da saia, a princesa instalava-se na penumbra da viatura; o marido ajustava o sabre; e o príncipe Hipólito, a pretexto de se fazer útil, atrapalhava toda a gente.

— Permita, senhor — disse-lhe André em russo, com uma secura desagradável, pois o príncipe Hipólito impedia-o de subir. — Fico à tua espera, Pierre — acrescentou, num tom completamente diferente, afetuoso e terno.

O postilhão pôs os cavalos em andamento e as rodas da viatura ecoaram no pavimento. O príncipe Hipólito, de pé no portal, ria às gargalhadas, à espera do visconde, a quem prometera levar a casa.

— *Eh bien, mon cher, votre petite princesse est très bien* — disse o visconde, ao tomar lugar na carruagem ao lado de Hipólito. — *Mais très bien.* — Enviou um beijo com as pontas dos dedos. — E muito francesa.

Hipólito suspirou fundo.

— E sabe que é terrível, com o seu arzinho inocente? — continuou o visconde. — Lamento o pobre marido, esse oficialzinho que se dá ares de príncipe reinante.

Hipólito suspirou novamente, por entre as gargalhadas do outro.

Pierre, que foi o primeiro a chegar, dirigiu-se, como familiar da casa, ao gabinete de trabalho do príncipe André e, no mesmo instante, como era seu costume, estendeu-se num divã, tirou de uma prateleira o primeiro livro que apanhou à mão (os *Comentários* de César) e leu ao acaso.

— Que fizeste em casa de *mademoiselle* Scherer? Desta vez é que ela fica verdadeiramente doente — disse André, entrando a esfregar as mãos, brancas e pequenas.

Como se fosse feito de uma só peça, Pierre voltou-se bruscamente de tal modo que o divã gemeu, ofereceu ao príncipe um rosto animado, sorriu, e fez com a mão um gesto de indiferença.

— Verdadeiramente, o abade é muito interessante, mas o seu raciocínio não

é correto... Na minha opinião, uma paz perpétua é possível, mas... não sei dizê-lo... Em todo o caso, nunca através do equilíbrio político...

Era evidente que estas discussões abstratas não interessavam ao príncipe André.

— Não se pode dizer por todo o lado o que se pensa, *mon cher*. Vejamos, já chegaste a uma conclusão? Serás cavaleiro da guarda ou diplomata? — perguntou, volvido um minuto de silêncio.

Pierre sentou-se no divã, com as pernas puxadas para trás.

— Imagine... que ainda não sei. Nenhuma das coisas me tenta.

— Mas é preciso tomar uma decisão. O teu pai aguarda.

Aos dez anos, Pierre fora enviado para o estrangeiro com o seu preceptor, um abade, e por lá ficara até aos vinte anos. Quando regressara a Moscovo, o pai despedira o abade e dissera-lhe:

— Vai agora para Petersburgo, vê e escolhe. Concordarei com tudo. Aqui tens uma carta para o príncipe Vassili, e aqui tens dinheiro. Escreve-me e mantém-me ao corrente de tudo, pois ajudar-te-ei.

Havia já três meses que Pierre escolhia uma carreira e não fazia coisa alguma. Era desta escolha que lhe falava o príncipe André. Pierre esfregou a testa.

— Ele deve ser franco-maçã — disse, pensando no abade que conhecera durante o serão.

— Ao diabo tudo isso! — interrompeu-o novamente André. — Falemos de coisas sérias. Foste ver a guarda a cavalo?

— Não, não fui, mas eis o que me veio à cabeça, e queria falar-lhe a esse respeito. Estamos em guerra contra Napoleão. Se fosse uma guerra pela liberdade, compreendê-la-ia, seria o primeiro a alistar-me, mas ajudar a Inglaterra e a Áustria contra o maior homem do mundo... não está bem.

O príncipe limitou-se a encolher os ombros, ao ouvir as infantis asserções de Pierre. Fez como se fosse impossível responder a semelhantes parvoíces, mas seria efetivamente difícil dar àquela pergunta ingénua uma resposta diferente da que deu:

— Se cada um só fizesse a guerra segundo as suas próprias convicções, não haveria guerra.

— E isso seria perfeito — respondeu Pierre. André sorriu.

— É possível, mas tal coisa nunca acontecerá...

— Vejamos, porque vai para a guerra?

— Porquê? Não sei. É preciso. Além disso, vou... — interrompeu-se. — Vou porque esta vida que faço aqui não me convém!

Ouviu-se na sala contígua o frufu de um vestido de mulher. Como se voltasse a si, o príncipe André sacudiu-se e o seu rosto readquiriu a expressão que tivera no salão de Anna Pavlovna. Pierre endireitou-se. A princesa entrou. Já mudara de indumentária, envergando um vestido de trazer por casa, mas igualmente elegante e fresco. O príncipe André ergueu-se e ofereceu-lhe delicadamente uma cadeira.

— Porque foi, pergunto muitas vezes a mim mesma — disse ela em francês, como sempre, instalando-se agitado no cadeirão —, que Annette não se casou? Como são todos estúpidos, *messieurs*, por não a terem desposado. Desculpem, mas nada sabem de mulheres. Ah! Como é argumentador, *monsieur* Pierre!

— Mesmo com o seu marido, estou sempre a discutir; não compreendo por que motivo ele quer ir para a guerra — respondeu Pierre, dirigindo-se à princesa sem o mais pequeno embaraço (tão frequente nas relações de um jovem com uma jovem).

A princesa animou-se. Visivelmente, as palavras de Pierre haviam atingido o seu ponto sensível.

— Ah! É também o que pergunto a mim mesma! Não sou capaz de compreender, não sou absolutamente capaz de compreender porque é que os homens não podem passar sem a guerra. Como é que nós, as mulheres, nunca queremos nada, nunca temos necessidade de nada? Seja o senhor o juiz. Não cesso de lho repetir: aqui, é ajudante de campo do tio, uma situação das mais brilhantes. Toda a gente o conhece e o aprecia. Ainda há dias ouvi uma dama perguntar em casa dos Apraksine: «É esse o famoso príncipe André?» Palavra de honra. É tão bem recebido em todo o lado! Poderia facilmente ser nomeado ajudante de campo do imperador. Sabe que o imperador lhe concedeu a graça de lhe dirigir a palavra? Falámos a esse respeito, Annette e eu, e seria muito fácil arranjar a coisa. Que lhe parece?

Pierre olhou para André e, vendo que a conversa desagradava ao amigo, não respondeu.

— Quando parte? — perguntou.

— Oh! Não me falem dessa partida. *Ne m'en parlez pas!* Não quero ouvir falar a esse respeito — exclamou a princesa, com o mesmo tom caprichosamente amuado com que no salão falam a Hipólito e que, segundo toda a evidência, convinha tão mal àquele círculo familiar de que Pierre parecia de momento fazer parte. — Quando hoje pensei que teria de romper todas as minhas queridas

relações... E depois, sabes, André? — continuou, dirigindo ao marido um significativo piscar de olho. — Tenho medo. *J'ai peur* — murmurou, estremecendo.

André olhou para ela, como que surpreendido por descobrir na sala alguém mais além dele e de Pierre; no entanto, perguntou, com fria delicadeza:

— De que tens medo, Lisa? Não consigo compreender.

— Vejam o egoísmo dos homens! São todos, todos, egoístas! Por capricho, sabe Deus porquê, abandona-me, deixa-me sozinha na província.

— Com o meu pai e a minha irmã, não o esqueças — respondeu André, em voz baixa.

— Não interessa, estarei sozinha sem os *meus* amigos... E quer ele que não tenha medo.

O seu tom tornara-se amuado, e o lábio superior ergueu-se, dando ao seu rosto uma expressão já não alegre, mas de animal, de esquilo. Calou-se, como se considerasse inconveniente falar da sua gravidez diante de Pierre, quando toda a questão residia aí.

— Continuo a não compreender de que é que tem medo — disse lentamente o príncipe André, sem tirar os olhos da mulher. A princesa corou e agitou as mãos com veemência.

— *Non*, André, está tão, tão mudado...

— O médico aconselhou-te a deitares-te cedo — recordou André. — Devias ir para a cama.

A princesa não respondeu, mas subitamente o seu curto lábio sombreado pelo buço pôs-se a tremer. André levantou-se encolhendo os ombros e deu alguns passos pela sala.

Pierre, que, através dos óculos, observava alternadamente um e outro, com um ar surpreendido e ingénuo, agitou-se como se quisesse levantar-se por sua vez, mas mudou de opinião.

— Que importa que o senhor Pierre esteja aqui — disse subitamente a princesinha, e o seu bonito rosto contraiu-se numa careta choramingtona. — Há muito que queria perguntar-te, André, porque é que mudaste tanto em relação a mim? Que te fiz eu? Vais para o exército, não tens pena de mim. Porquê?

— Lisa — limitou-se a dizer o príncipe, mas nessa palavra havia um pedido e uma ameaça, e, sobretudo, a certeza de que ela própria lamentaria as suas palavras; apesar disso, Lisa continuou, agitada:

— Tratas-me como se fosse uma doente ou uma criança. Há seis meses eras assim?

— Lisa, peço-te — avisou André, num tom ainda mais firme.

Cada vez mais nervoso à medida que decorria a conversa, Pierre ergueu-se

e aproximou-se da princesa. Parecia não poder suportar um espetáculo de lágrimas e estava prestes a chorar ele também.

— Acalme-se, princesa, isso é uma ideia sua, porque, asseguro-lhe, provei eu próprio... porque... é que... Não, desculpem, um terceiro está aqui a mais... Acalmem-se... Adeus...

O príncipe André reteve-o por um braço.

— Não, espera, Pierre. A princesa é demasiado boa para querer privar-me do prazer de passar o serão contigo.

— Realmente, só pensa nele — exclamou Lisa, incapaz de reter as lágrimas de despeito.

— Lisa! — exclamou o príncipe André, secamente, erguendo a voz até ao ponto denunciador de que uma pessoa chegou ao limite da sua paciência.

Subitamente, o ar de esquilo zangado deu lugar, no rosto da princesa, a uma expressão de medo, atraente e suscetível de despertar compaixão; olhou para o marido baixando os belos olhos e adotou a expressão tímida e culpada de um cão que abana rapidamente a cauda rente ao solo.

— *Mon Dieu, mon Dieu!* — murmurou, levantando com uma mão as dobras do vestido. Aproximou-se do marido e beijou-o na testa.

— *Bonsoir*, Lisa — disse o príncipe, erguendo-se e beijando-lhe delicadamente a mão, como a uma desconhecida.

Os amigos calaram-se. Nem um nem outro quebrava o silêncio. Pierre lançava olhares a André, André esfregava a testa com a palma de uma mão.

— Vamos cear — disse, com um suspiro, levantando-se e avançando para a porta. Entraram na elegante sala de jantar, luxuosamente arranjada e mobilada de novo. Tudo, desde os guardanapos até às pratas, desde as loiças aos cristais, ostentava essa marca especial das coisas novas que se encontra nos casais recentes. A meio da ceia, o príncipe André apoiou os cotovelos na mesa, como alguém que tem há muito um peso no coração e decide subitamente aliviar-se, e tomou a palavra com um nervosismo que Pierre nunca vira no amigo:

— Nunca te cases, meu amigo, nunca; é o conselho que te dou. Não te cases sem que tenhas dito a ti mesmo que fizeste tudo o que podias fazer, sem que tenhas deixado de amar a mulher que tiveres escolhido, sem que tenhas visto claro nela; senão, enganar-te-ás cruel e irremediavelmente. Casa-te quando fores velho, quando já não servires para mais nada... Senão, tudo o que há em ti de bom e de elevado ter-se-á perdido. Desperdiçado em banalidades. Sim, sim, sim! Não me olhes com esse ar surpreendido. Se esperas qualquer coisa de ti no futuro, sentirás a todo o instante que para ti tudo acabou, que tudo te está vedado, exceto o salão, onde contarás tanto como um servil cortesão e um imbecil... Mas o quê!...

E André fez um enérgico gesto com a mão.

Pierre tirou os óculos, o que deu ao seu rosto um aspeto novo, fazendo realçar ainda mais a sua bondade, e olhou para o amigo com surpresa.

— A minha mulher — continuou o príncipe — é uma excelente pessoa. É uma dessas raras mulheres com as quais um homem pode estar tranquilo quanto à sua honra, mas, meu Deus, o que eu não daria para não me ter casado! Tu és o único, o primeiro a quem o digo, porque és meu amigo.

Dizendo isto, o príncipe André assemelhava-se ainda menos ao Bolkonski que, enterrado num cadeirão em casa de Anna Pavlovna, deixava cair frases em francês, semicerrando os olhos. Estremecimentos nervosos agitavam cada músculo do seu rosto seco, os seus olhos, onde, momentos antes, a chama da vida parecia extinta, fulguravam de um brilho vivo e luminoso. Via-se que, quanto mais apático parecia habitualmente, mais enérgico era nos seus momentos de excitação nervosa.

— Não compreendes porque digo isto — continuou. — É toda a história de uma vida. Dizes: Bonaparte e a sua carreira — acrescentou, ainda que Pierre não tivesse dito palavra a respeito de Bonaparte. — Dizes: Bonaparte; mas enquanto trabalhava, enquanto, passo a passo, avançava para o seu objetivo, Bonaparte era livre, nada tinha no espírito, a não ser o seu fim... e por isso atingiu-o. Mas um homem que se ligue a uma mulher, como um forçado acorrentado, perde toda a liberdade. E tudo o que tenha em si de esperanças e de forças, tudo isso passa a não ser mais do que uma coisa que pesa e atormenta pelo remorso. Os salões, as bisbilhotices, os bailes, a vaidade, a mediocridade, eis o círculo vicioso de que não posso sair. Parto agora para a guerra, para a maior de todas as guerras que jamais se viu, e nada sei, para nada presto. Sou *très aimable et très caustique*, e em casa de Anna Pavlovna sou escutado. É essa sociedade sem a qual a minha mulher não pode passar, e essas mulheres... Ah! Se soubesses o que são *toutes les femmes distinguées* e as mulheres em geral! O meu pai tem razão. Egoísmo, vaidade, estupidez, nulidade em tudo, eis as mulheres quando se mostram como realmente são. Vendo-as em sociedade, fica-se com a impressão de que têm qualquer coisa, mas não há nada, nada, nada! Não, não te cases, meu caro, não te cases.

— Acho estranho — respondeu Pierre — que se julgue a si, precisamente a si, um incapaz, que pense que a sua vida é uma vida desperdiçada. Tem tudo à sua frente, tudo. E...

Não terminou o seu pensamento, mas o tom em que falava bastava por si só para mostrar a alta estima em que tinha o amigo, e tudo o que esperava dele no futuro.

«Como pode ele falar assim?», pensava Pierre. Para ele, o príncipe André era o modelo de todas as perfeições, porque reunia ao mais alto grau precisamente todas as qualidades que a ele lhe faltavam e que podem resumir-se numa definição mais simples: força de vontade. Pierre sempre admirara o dom que André tinha de conservar a calma nos seus contactos com as pessoas mais diversas, a sua extraordinária memória, a sua cultura geral (André lia tudo, sabia tudo, tinha noções de tudo) e, antes de mais nada, a sua capacidade de trabalho e de estudo. Se Pierre muitas vezes notara nele uma falta de tendência para o devaneio filosófico (para que ele próprio era particularmente inclinado), até nisso via não um defeito mas uma força.

Nas melhores relações, as mais amistosas e as mais simples, a lisonja ou o louvor são indispensáveis, como é indispensável a lubrificação para o bom andamento das rodas.

— *Je suis un homme fini* — disse o príncipe André. — Para quê falar a meu respeito? Falemos antes de ti — acrescentou, após um silêncio, sorrindo pelos pensamentos reconfortantes.

O mesmo sorriso refletiu-se instantaneamente no rosto de Pierre.

— Para quê falar a meu respeito? — respondeu, distendendo a boca num sorriso alegre e despreocupado. — Que sou eu? Sou um bastardo. — E pôs-se subitamente escarlate. Via-se que aquela palavra lhe custara um grande esforço. — *Sans nom, sans fortune...* Na verdade... — Não disse o que entendia por «na verdade». — Sou livre, de momento, e estou contente. Só não consigo decidir o que vou fazer. Queria consultá-lo, seriamente.

O príncipe André olhava-o com bons olhos. Todavia, a consciência da sua superioridade transparecia nesse olhar amistoso e afetuoso.

— Gosto de ti, sobretudo porque és o único ser vivo em todo o nosso mundo. Escolhe o que quiseres, vai dar ao mesmo. Serás bom em qualquer coisa. Uma observação apenas: deixa de andar com esse Karaguine, de fazer essa vida... Nada disso te convém. Todos esses deboches, esses modos de hussardo, e todos...

— Que quer, meu caro — interrompeu-o Pierre, encolhendo os ombros —, *les femmes, mon cher, les femmes!*

— Não compreendo — respondeu André. — Mulheres como devem ser, ainda vá, mas as mulheres de Karaguine, *les femmes et le vin*, não compreendo!

Pierre vivia em casa do príncipe Karaguine e participava da vida dissoluta do jovem Anatole, o mesmo que pretendiam unir à irmã de André, na esperança de o emendar.

— Sabe? — disse Pierre, como se uma ideia feliz acabasse de lhe ocorrer. — A sério, há muito que o digo a mim mesmo. Levando esta vida, não posso

decidir nem pensar em coisa alguma. Tenho dores de cabeça, não tenho dinheiro. Fui convidado para hoje, mas não irei.

— Dá-me a tua palavra de honra de que não irás.

— Palavra de honra!

Já passava da uma quando Pierre deixou o amigo. Fazia uma noite branca, de junho, uma noite de Petersburgo. Pierre apanhou um fiacre com a intenção de ir para casa, mas quanto mais se aproximava, mais sentia que lhe seria impossível dormir com aquela noite que se assemelhava mais ao crepúsculo ou à aurora. O olhar alcançava longe, nas ruas desertas. Enquanto o fiacre avançava, lembrou-se de que o habitual bando de jogadores devia estar reunido em casa de Anatole Karaguine, após o que se entregariam às libações habituais, que terminariam com uma das suas distrações favoritas.

«Seria agradável ir a casa de Karaguine», pensou, mas lembrou-se imediatamente da palavra dada ao príncipe André.

No mesmo instante, porém, como acontece às pessoas ditas sem carácter, sentiu um desejo tão apaixonado de saborear uma vez mais essa vida desregrada, que tão bem conhecia, que decidiu ir. Pensou então que a palavra dada nada significava, pois, antes da promessa feita ao príncipe André, tinha já prometido a Anatole ir a sua casa; e depois, disse para si mesmo, todas essas histórias de palavra de honra são tão convencionais, desprovidas de sentido preciso, sobretudo quando se pensa que se pode morrer no dia seguinte, ou que pode acontecer-nos qualquer coisa de tão extraordinário que já nada haverá de honesto ou de desonesto. Raciócinios deste género, que destruíam todas as suas decisões e projetos, eram frequentes em Pierre. Dirigiu-se, portanto, a casa de Karaguine.

Chegado diante da grande casa onde vivia Anatole, perto das casernas da guarda a cavalo, subiu ao portal iluminado, depois a escada, e franqueou a porta aberta. No vestíbulo não havia viva alma; apenas garrafas de vinho espalhadas, mantos, galochas; tudo aquilo cheirava a vinho e ouvia-se ao longe uma confusão de vozes e gritos.

Já tinham acabado de jogar e de cear, mas os convidados não partiam. Pierre despojou-se do manto e entrou na primeira sala, onde se viam os restos de uma ceia e onde um criado, julgando-se só, despejava disfarçadamente os restos dos copos. Da terceira sala provinha uma balbúrdia, gargalhadas, vozes que Pierre conhecia e que gritavam, e os grunhidos de um urso. Sete ou oito jovens agrupavam-se com um ar preocupado em torno de uma janela aberta. Três outros divertiam-se com um jovem urso, que um deles puxava pela corrente, fingindo aticá-lo contra um outro.

— Aposto cem rublos no Stevens! — gritava um.

— Atenção, não vale segurá-lo! — clamava outro.

— Eu aposto em Dolokhov! — dizia um terceiro. — Sê tu o árbitro, Karaguine.

— Vamos, deixem o *Michka*², há uma aposta.

— De um só trago, senão perde! — gritava um quarto.

— Iakov! Traz uma garrafa, Iakov! — ordenou o dono da casa, um belo rapagão que se encontrava no meio da sala, com o peito coberto apenas por uma fina camisa desabotoada. — Esperem, senhores, aí está Petrucha, querido amigo — disse, dirigindo-se a Pierre.

Uma outra voz, a de um homem de estatura pouco elevada, límpidos olhos azuis, que impressionava particularmente pelo seu tom lícido no meio de todas aquelas vozes avinhadas, gritou da janela:

— Chega aqui, árbitro da aposta!

Era Dolokhov, um oficial do regimento Semenovski, famoso jogador e espadachim, que vivia em casa de Anatole. Pierre sorria, olhando alegremente em redor.

— Não compreendo. De que se trata? — perguntou.

— Esperem, não está bêbedo. Dá-me uma garrafa — disse Anatole e, tirando um copo de cima da mesa, avançou para Pierre. — Antes de mais nada, bebe.

Pierre pôs-se a despejar copo atrás de copo, olhando de baixo para os convidados embriagados que se agrupavam de novo em torno da janela e prestando atenção ao que diziam. Anatole enchia-lhe o copo e explicava-lhe que Dolokhov apostara com o inglês Stevens, um oficial de marinha que estava presente, que era capaz de despejar uma garrafa de rum sentado no rebordo da janela do segundo andar, com as pernas pendentes para o lado de fora.

— Vamos, acaba com a garrafa! — terminou Anatole, estendendo a Pierre o último copo. — De outro modo não te largo.

— Não, não quero mais — respondeu Pierre, repelindo-o e aproximando-se da janela.

Dolokhov segurava a mão do inglês e, nítida e distintamente, precisava as condições da aposta, dirigindo-se principalmente a Anatole e a Pierre.

Dolokhov era um rapaz de estatura média, cabelos encaracolados e olhos azul-claros. Poderia ter uns vinte e cinco anos. Não usava bigode, segundo o uso entre os oficiais de infantaria; a boca, que era a sua feição mais destacada, ficava inteiramente descoberta. Os contornos desta boca desenhavam uma curva de uma fineza notável. A meio, o lábio superior descia energicamente, em ângulo agudo,

² Nome familiar que se dá aos ursos.

para o firme lábio inferior, e, nos cantos, esboçava-se constantemente qualquer coisa que se assemelhava a um duplo sorriso, um de cada lado; e o conjunto, sobretudo aliado ao olhar firme, insolente, inteligente, produzia uma impressão tal que era impossível não reparar naquele rosto. Dolokhov não era rico e não tinha relações. Ainda que Anatole gastasse dezenas de milhares de rublos, Dolokhov partilhava o seu apartamento e soubera impor-se ao ponto de Anatole e todos os outros que o conheciam o respeitarem mais do que ao dono da casa. Dolokhov sabia jogar todos os jogos de cartas e ganhava quase sempre. Por muito que bebesse, nunca perdia a sua lucidez. Karaguine e Dolokhov eram na época celebridades no mundo das cabeças loucas e dos pândegos de Petersburgo.

O laçao trouxe a garrafa de rum; dois outros, que se apressavam, visivelmente intimidados pelos conselhos e pelos gritos dos que os rodeavam, tentavam arrancar o caixilho, que impedia Dolokhov de se sentar no rebordo exterior da janela.

Anatole aproximou-se com o seu ar conquistador. Tinha vontade de partir qualquer coisa. Afastou os criados e puxou o caixilho, mas a armação não cedeu. Partiu um vidro.

— Bom, é a tua vez, Hércules — disse, dirigindo-se a Pierre. Pierre agarrou com ambas as mãos, puxou e arrancou com estrépito o caixilho de carvalho.

— Tira-o completamente, pois de outro modo pensarão que me agarro — disse Dolokhov.

— O inglês vangloria-se... eh? Está bem?... — perguntou Anatole.

— Está bem — respondeu Pierre, olhando para Dolokhov, que, com a garrafa na mão, se aproximava da janela, através da qual se avistava a claridade do céu e a aurora que se confundia com o crepúsculo. Dolokhov, sempre empunhando a garrafa, saltou para a janela.

— Escutem! — gritou, de pé no rebordo e falando para o interior da sala. Todos se calaram.

— Aposto — exprimia-se em francês, para se fazer compreender pelo inglês, e não falava muito bem essa língua. — Aposto cinquenta imperiais. Quer cem?

— Não, cinquenta — respondeu o inglês.

— Bom, aposto cinquenta imperiais em como despejo completamente esta garrafa, de um só trago, sentado na janela, aqui — inclinou-se e indicou o rebordo abaulado da janela —, com as pernas para o lado de fora e sem me agarrar seja ao que for... Está entendido?

— Muito bem — disse o inglês.

Anatole voltou-se para este último e, segurando-o por um botão da casaca e olhando-o de cima para baixo (o outro era pequeno), repetiu-lhe em inglês as condições da aposta.

— Espera! — gritou Dolokhov, batendo com a garrafa na janela para atrair as atenções. — Espera, Karaguine, escutem. Se algum outro fizer o mesmo, apostarei com ele cem imperiais. Compreendido?

O inglês fez um sinal com a cabeça, sem dar a entender se tinha ou não a intenção de aceitar esta nova aposta. Anatole não o largava e, ainda que o outro lhe indicasse que tinha compreendido, repetiu em inglês as palavras de Dolokhov. Um jovem magro, dos hussardos da guarda, que perdera ao jogo no decurso do serão, trepou para o rebordo da janela, espreitou para fora e olhou para baixo.

— Oh!... Oh!... Oh!... — murmurou, vendo as pedras do passeio lá em baixo.

— Silêncio! — gritou Dolokhov, e fez descer o oficial, que, embaraçando-se nas esporas, saltou desajeitadamente para o interior da sala.

Pousando a garrafa no parapeito, para a ter ao alcance da mão, Dolokhov sentou-se cautelosamente no rebordo. Deixando pender as pernas e agarrando-se ao peitoril, escolheu o seu lugar, retirou as mãos, deslocou-se para a direita e para a esquerda, e pegou na garrafa. Anatole foi buscar duas velas e pousou-as no peitoril, embora o dia já tivesse nascido. As costas de Dolokhov e a sua cabeça encaracolada ficaram iluminadas dos dois lados. Todos se amontoaram em redor da janela. O inglês estava na primeira fila. Pierre sorria e não dizia palavra. Um dos assistentes, mais idoso do que os outros, com uma expressão assustada e descontente, avançou subitamente e quis agarrar Dolokhov pela camisa.

— Senhores, é estúpido; vai matar-se — disse este homem mais razoável.

Anatole deteve-o.

— Não lhe toques, vais assustá-lo. Vai matar-se, eh!... E então?... Eh?

Dolokhov voltou-se, retificando a sua posição e apoiando-se novamente com os braços afastados.

— Se alguém volta a tocar-me — disse, deixando passar lentamente as palavras através dos lábios finos e apertados —, faço-o descer de cabeça por aqui. Vamos!...

Tendo dito «Vamos!», voltou-se uma vez mais, retirou os braços, pegou na garrafa e levou-a à boca, com a cabeça inclinada para trás e o braço livre levantado, para manter o equilíbrio. Um dos criados, que começara a apanhar do chão os estilhaços do vidro, deteve-se, agachado, sem afastar os olhos da janela e das costas de Dolokhov. Anatole permanecia ereto, com os olhos muito abertos. O inglês, com os lábios puxados para a frente, olhava de lado. O homem que tentara deter Dolokhov foi refugiar-se num canto da sala, estendendo-se num divã com a cara voltada para a parede. Pierre tinha escondido o rosto entre as mãos, e um leve sorriso esquecido flutuava sobre as suas feições, que exprimiam horror e

medo. Todos se calaram. Pierre afastou as mãos dos olhos. Dolokhov continuava sentado na mesma posição. Apenas a sua cabeça estava mais inclinada para trás, de sorte que os cabelos encaracolados roçavam o colarinho da camisa, e a mão que segurava a garrafa subia cada vez mais, tremendo sob o esforço. A garrafa despejava-se a olhos vistos, pelo que tinha de a levantar cada vez mais e inclinar a cabeça para trás. «Porque demora tanto tempo?», perguntou Pierre a si mesmo. Parecia-lhe que já tinha decorrido uma meia hora. Subitamente, Dolokhov fez um movimento para trás com as costas e o seu braço teve um espasmo nervoso; este estremeamento bastou para deslocar todo o corpo sentado no rebordo inclinado. Dolokhov resvalou, e o seu braço e a sua cabeça tremeram ainda mais violentamente sob o esforço. Uma mão levantou-se em busca de um apoio, mas voltou a baixar-se. Pierre fechou os olhos e disse a si mesmo que não voltaria a abri-los. Subitamente, sentiu que todos se agitavam em seu redor. Olhou: Dolokhov estava de pé no peitoril, pálido e satisfeito.

— Está vazia!

Atirou a garrafa ao inglês, que a apanhou destramente. Dolokhov saltou da janela. Cheirava muito a rum.

— Perfeito! Que tipo! E que aposta! Que o diabo o leve! — gritavam de todos os lados.

O inglês pegara na bolsa e contava o dinheiro. Dolokhov franzia o sobrolho, sem dizer palavra. Pierre saltou para o peitoril da janela.

— Senhores! Quem quer apostar comigo? Vou fazer o mesmo — gritou, subitamente. — De resto, nem é preciso apostar. Mandem trazer uma garrafa. Vou fazer o mesmo... Mandem-na vir.

— Deixem-no, deixem-no — disse Dolokhov, sorrindo.

— Estás doido? Até nas escadas tens vertigens! — gritaram-lhe de todos os lados.

— Vou despejá-la, deem-me uma garrafa de rum! — gritou Pierre, batendo na parede com o gesto resolutivo do homem embriagado.

Agarraram-no pelos braços, mas ele era tão forte que repeliu para longe todos os que se tinham aproximado.

— Não, é impossível fazê-lo ouvir a razão no estado em que está — interveio Anatole. — Esperem, vou enganá-lo. Escuta, aceito a tua aposta, mas para amanhã. Agora vamos a casa de...

— Vamos! — gritou Pierre. — Vamos! E levemos *Michka*... — E, saltando da janela, pegou no urso e pôs-se a rodopiar com ele pela sala.

O príncipe Vassili cumpriu a promessa que no serão de Anna Pavlovna fizera à princesa Drubetzkoï, que intercedera junto dele em favor do seu filho único, Boris. Falara nele ao imperador e, a título excepcional, o jovem fora transferido para a guarda e promovido a alferes no regimento de Semenovski. Mas não foi nomeado ajudante de campo de Kutuzov nem adido à sua pessoa, a despeito de todas as manobras e intrigas de Anna Mikhailovna. Pouco tempo depois do serão em casa de Anna Pavlovna, Anna Mikhailovna regressou a Moscovo, indo diretamente para casa dos seus ricos parentes, os Rostov, onde fora educado desde a infância e onde vivera longos anos o seu adorado Boris, recentemente promovido a alferes e transferido para a guarda. A guarda saíra de Petersburgo a 10 de agosto, e o filho de Anna Mikhailovna, que ficara em Moscovo para se equipar, deveria juntar-se-lhe pelo caminho, em Radziwilow.

Em casa dos Rostov, celebrava-se a festa das *Nathalie*, a mãe e a filha mais nova. Desde o princípio da manhã, as carruagens dos visitantes vindos para apresentar as suas homenagens sucediam-se incessantemente diante do vasto palácio da condessa Rostov, muito conhecido em Moscovo, na Rua Povarskaia. A condessa, acompanhada pela sua filha mais velha, uma bela jovem, e pelos visitantes que não cessavam de desfilar, encontrava-se no salão.

Era uma mulher com cerca de quarenta e cinco anos, de rosto magro, de tipo oriental, visivelmente esgotada pelos doze filhos que pusera no mundo. A lentidão com que se movia e falava, devida à sua fraqueza, dava-lhe um ar importante que impunha respeito. A princesa Anna Mikhailovna Drubetzkoï, na sua qualidade de frequentadora habitual da casa, estava igualmente presente e ajudava a receber as visitas. A juventude encontrava-se reunida nas salas do fundo, não considerando útil participar no ritual. O conde recebia e despedia-se dos visitantes, convidando-os a todos para o jantar.

«Estou-lhe muito, muito agradecido, *ma chère*, ou *mon cher* (o conde chamava *ma chère* ou *mon cher* a todos sem exceção, e sem a mais pequena diferença, tanto aos que se situavam acima dele como aos que lhe eram inferiores), por mim e por aquelas que festejamos. Não deixe de vir jantar. Vexar-me-ia, *mon cher*. Peço-lhe cordialmente em nome de toda a família, *ma chère*.»

Dirigia estas palavras, com a mesma expressão no seu rosto cheio, alegre e recém-barbeado, o mesmo aperto de mão acompanhado de breves e repetidas saudações, a todos sem exceção e sem a mínima variante. Depois de ter acompanhado um visitante até à porta, o conde voltava para junto daquele, ou daquela, que tivesse ficado no salão. Puxando um cadeirão, sentava-se com os gestos de

um homem que sabe e gosta de viver, abrindo as pernas e apoiando as mãos nos joelhos, balançando-se de um lado para o outro com um ar importante, e fazia os seus prognósticos sobre o tempo, pedia conselhos relativos à sua saúde, por vezes em russo, por vezes em francês muito mau, mas cheio de segurança, e, pouco depois, como um homem fatigado mas firme no cumprimento do seu dever, acompanhava os visitantes até à porta, arranjando sobre o crânio calvo os seus raros cabelos e reiterando o convite para o jantar. Por vezes, ao voltar ao vestibulo, fazia um rodeio, pelo jardim de inverno e pelo escritório, e entrava na grande sala de mármore onde os criados preparavam uma mesa de oitenta talheres; aí, observando os lacaios atarefados a transportar as pratas e as porcelanas, a arranjar as mesas e a colocar as toalhas bordadas, chamava Dmitri Vassilievitch, um nobre que se ocupava de todos os seus assuntos, e dizia-lhe:

— Então, então, Mitenka, vela por que tudo esteja em ordem. Perfeito, perfeito — acrescentava, vendo com prazer a mesa imensa. — O principal é o talher. É isso... — E voltava ao salão, lançando um suspiro de satisfação.

— Maria Ivovna Karaguine e a filha! — anunciou, com uma voz de baixo, o enorme laçao da condessa, aparecendo à porta do salão. A condessa refletiu e tirou uma pitada de uma tabaqueira de ouro decorada com o retrato do marido.

— Estas visitas extenuam-me — disse. — Tanto pior, é a última que recebo. É tão afetada. Manda entrar — disse ao criado, como se dissesse: «Está bem, acabem comigo!»

Uma dama corpulenta e de alta estatura, de ar orgulhoso, acompanhada pela filha, uma jovem de rosto redondo e sorridente, entrou no salão com um frufu de saias.

— *Chère comtesse*, há tanto tempo... Esteve de cama, a pobre criança... No baile dos Razumovsky... E a condessa Apraksine...

— Estive tão feliz — disseram animadas as vozes de mulher, interrompendo-se uma à outra e fundindo-se no murmúrio dos vestidos e no ruído das cadeiras arrastadas. Iniciou-se uma conversa, dessas que só se começam para se poder, à primeira pausa, levantar e dizer, entre um frufu de saias: «Fiquei encantada; a saúde da mamã... e a condessa Apraksine», e depois, com um novo frufu, alcançar o vestibulo, pôr sobre os ombros a peliça ou o manto e partir. A conversa derivou para a principal notícia do dia, a doença do velho conde Bezukhov, célebre e riquíssimo, um dos mais belos homens da época de Catarina, e, depois, para o seu filho natural, Pierre, que se comportara de um modo tão inconveniente no serão de Anna Pavlovna Scherer.

— Lastimo muito o pobre conde — disse a visitante. — A sua saúde tão má e agora esta dor que lhe causa o filho, tudo isto vai matá-lo.

— Que se passou? — perguntou a condessa, como se ignorasse o assunto a que a outra se referia, embora já tivesse ouvido falar bem umas quinze vezes da causa do desgosto do conde Bezukhov.

— É isto a educação moderna — respondeu a visitante. — Já no estrangeiro esse jovem esteve entregue a si mesmo e agora, em Petersburgo, diz-se que cometeu tais horrores que a polícia teve de o expulsar.

— A sério? — perguntou a condessa.

— Escolhe mal as suas companhias — interveio a princesa Anna Mikhailovna. — O filho do príncipe Vassili, um certo Dolokhov e ele faziam, parece, sabe Deus o quê, e dois deles sofreram as consequências. Dolokhov foi despromovido ao posto de simples soldado e o filho de Bezukhov exilado para Moscovo. Quanto a Anatole Karaguine, o pai abafou o assunto, de um modo ou de outro. De todos os modos, foi expulso de Petersburgo.

— Mas que foi que eles fizeram? — quis saber a condessa.

— São verdadeiros desordeiros, sobretudo esse tal Dolokhov — respondeu a visitante. — É filho de Maria Ivanovna Dolokhov, uma pessoa tão respeitável, e que pensa que fizeram? Imagine que, tendo arranjado não se sabe onde um urso, o meteram numa carruagem e o levaram para casa de umas atrizes. A polícia acudiu para os fazer entrar na razão. Agarraram no comissário do bairro e amarraram-no costas com costas ao urso, e depois atiraram o urso ao Moika; o urso pôs-se a nadar, com o comissário às costas.

— Devia estar lindo o comissário, *ma chère!* — exclamou o conde, que morria de riso.

— Ah! Que horror! Acha motivo para rir, conde?

No entanto, também as damas riam, mau grado elas próprias.

— Foi com muita dificuldade que salvaram o infeliz — continuou a visitante. — E é o filho do conde Cirilo Vladimirovitch Bezukhov que se diverte desta maneira! Diziam-no tão bem-educado e tão inteligente. Eis ao que o levou toda essa educação estrangeira. Espero que ninguém o receba aqui, apesar de toda a sua fortuna. Queriam apresentar-mo. Recusei categoricamente: tenho filhas.

— Porque diz que esse rapaz é tão rico? — perguntou a condessa, inclinando-se para o lado oposto ao das jovens, que fingiram imediatamente não estar a ouvir. — Só há filhos naturais. Creio que... Pierre é também filho natural.

A visitante fez um gesto com a mão.

— São bem uma vintena, imagino.

A princesa Anna Mikhailovna interveio na conversa, manifestamente desejosa de ostentar as suas relações e o seu conhecimento das questões mundanas.

— Eis o que se passa — disse, com um ar entendido e falando também num

semimurmúrio. — A reputação do conde Cirilo Vladimirovitch é bem conhecida... Perdeu a conta aos filhos que tem, mas Pierre é o seu preferido.

— Como o velho era belo, ainda no ano passado! — disse a condessa. — Nunca vi um homem tão perfeito.

— Está muito mudado — continuou Anna Mikhailovna. — Ia então dizer que, pela mulher, é o príncipe Vassili o herdeiro direto de toda a fortuna, mas o pai gostava muito de Pierre, ocupava-se da sua educação e escreveu ao imperador... De sorte que se morrer... E está tão em baixo que é o que se espera a todo o momento, e Lorrain chegou a Petersburgo... ninguém sabe para quem irá essa imensa fortuna, se para Pierre se para o príncipe Vassili. Estou perfeitamente ao corrente, pois foi o próprio príncipe quem mo disse. Além disso, Cirilo Vladimirovitch é meu tio à moda da Bretanha, pela minha mãe. É também o padrinho de Boris — acrescentou, como se não desse a mínima importância a esse detalhe.

— O príncipe Vassili está em Moscovo desde ontem. Anda em viagem de inspeção, segundo se diz — observou a visitante.

— Sim, mas aqui entre nós, é um pretexto — afirmou a princesa. — Veio apenas para ver Cirilo Vladimirovitch, ao saber que o conde estava tão mal.

— De todos os modos, *ma chère*, é uma famosa farsa — disse o conde. Vendo que a visitante não o escutava, voltou-se para as jovens. — Estou a imaginar o pobre comissário amarrado às costas do urso!

E, gesticulando como devia ter gesticulado o comissário, lançou novamente uma gargalhada sonora e profunda que sacudiu toda a sua corpulenta pessoa, uma gargalhada própria dos que sempre comeram, e sobretudo beberam, do melhor.

— Bom, espero-as para o jantar — acabou por dizer.

VIII

Fez-se um silêncio. A condessa olhava para a sua visitante sorrindo amavelmente, sem dissimular que não lamentaria vê-la levantar-se e partir. A filha da visitante compunha já o vestido, olhando para a mãe com uma expressão interrogadora, quando subitamente se ouviu na sala vizinha um ruído de passos precipitados, femininos e masculinos, o estrépito de uma cadeira agarrada e derrubada de passagem, e uma garota de uns treze anos, que escondia qualquer coisa na sua curta saia de musselina, entrou como um vendaval e deteve-se a meio do salão. Via-se que tinha sido sem querer que fora tão longe, levada pelo ímpeto da corrida. No mesmo instante apareceram à porta um estudante de co-

larinho cor de framboesa, um oficial da guarda, uma jovem de quinze anos e um gordo rapaz envergando um pequeno fato de criança.

O conde ergueu-se vivamente e, balançando-se, abriu os braços à garota.

— Ah! Cá está! — exclamou, rindo. — A heroína da festa! *Ma chère*, eis aquela que festejamos!

— *Ma chère, il y a un temps pour tout* — disse a condessa, fingindo severidade. — Estás sempre a estragá-la, Elie — continuou, dirigindo-se ao marido.

— Bom dia, minha querida, felicito-a — cumprimentou a visitante. — Que criança deliciosa — acrescentou, em intenção da mãe.

A garota, de olhos negros, de boca demasiado grande, não bonita, mas cheia de vida, tendo nus os ombros de criança que a corrida libertara do corpete, com os caracóis negros emaranhados e puxados para trás, os braços finos e as pernas metidas numas calças de renda que deixavam ver os pés calçados de escarpins, estava nessa idade encantadora em que a garota já não é uma criança e a criança não é ainda uma adolescente. Escapando ao pai, correu para a mãe e, sem prestar atenção à sua severa observação, escondeu o pequeno rosto empurpurado nas rendas da sua mantilha e pôs-se a rir. Ria de qualquer coisa, falando com uma voz entrecortada sobre uma boneca que tirara de debaixo da saia.

— Vê?... A boneca... Mimi... Vê.

E Natacha nada mais pôde dizer (tudo a fazia rir). Deixou-se cair contra a mãe e continuou a rir tão sonoramente que todos a imitaram, mau grado eles próprios, até a afetada visitante.

Natacha, levantando por um instante o rosto do peitilho de rendas da mãe, olhou-a de alto a baixo através das lágrimas do riso, e voltou a esconder-se.

A visitante, forçada a contemplar esta cena familiar, julgou necessário participar dela.

— Diga-me, minha querida — começou, dirigindo-se a Natacha —, o que é para si essa Mimi? Sua filha, sem dúvida?

O tom condescendente com que lhe falava a dama para se pôr ao alcance de uma criança desagradou a Natacha, que não respondeu e a olhou com uma expressão muito séria.

Entretanto, todo o grupo de jovens — Boris, o oficial, filho da princesa Anna Mikhailovna, Nicolas, o estudante, filho mais velho do conde, Sonia, a jovem de quinze anos, sua sobrinha, e o pequeno Petrucha, filho mais novo dos donos da casa — tinha-se instalado no salão e todos faziam esforços visíveis por conter dentro dos limites das conveniências a animação e a alegria que respiravam cada uma das suas feições. Adivinhava-se que, nas salas de onde tinham acorrido tão precipitadamente, a conversa entre eles era mais divertida do que a que ali se fazia

sobre os boatos da cidade, o tempo e a condessa Apraksine. De vez em quando, entreolhavam-se e continham o riso com grande dificuldade.

Amigos de infância, os dois jovens — o estudante e o oficial — tinham a mesma idade e eram ambos belos, mas não parecidos. Boris era um louro alto, de feições regulares e finas, de rosto belo e calmo; Nicolas era de estatura pouco elevada, de cabelos anelados e expressão aberta. Um leve buço negro sombreava já o seu lábio superior e a sua fisionomia revelava impetuosidade e entusiasmo. Corara desde a sua entrada no salão. Via-se que procurava em vão qualquer coisa para dizer; Boris, pelo contrário, deu imediatamente provas de presença de espírito e contou comedidamente, num tom divertido, que conhecera aquela boneca, Mimi, ainda jovem e de nariz intacto, que em cinco anos ela envelhecera sob os seus olhos e que a cabeça se lhe fendera ao longo de todo o crânio. Tendo dito isto, lançou um olhar a Natacha. Natacha voltou-se, olhou para o irmão, que, com os olhos fechados, era sacudido por um riso silencioso, e, incapaz de se conter por mais tempo, saltou por cima dos pés da mãe e desapareceu o mais depressa que lhe permitiram as suas pernas ágeis. Boris não se riu.

— Creio que também deseja partir, *maman*? Tem necessidade da carruagem? — disse, dirigindo-se à mãe com um sorriso.

— Sim, vai, vai, manda atrelar — respondeu ela, sorrindo igualmente.

Boris saiu tranquilamente e seguiu Natacha; o rapaz gordo correu a juntar-se-lhes com um ar irritado, como que despeitado por ter sido interrompido nas suas ocupações.

IX

Da juventude, sem contar com a filha mais velha da condessa (que tinha mais quatro anos do que a irmã e se comportava já como uma pessoa crescida) e a jovem filha da visitante, só continuavam no salão Nicolas e Sonia, a sobrinha. Sonia era uma morena delgada e frágil, de olhos doces sombreados por compridas pestanas, com uma pesada trança negra que lhe dava duas vezes a volta à cabeça, de pele mate, particularmente acentuada no pescoço e nos braços musculados, magros mas não sem encanto. Pela harmonia dos seus movimentos, pela graça e pela leveza dos seus membros finos, pelos seus modos um pouco reservados, fazia pensar num belo bichano ainda não completamente formado, mas que prometia tornar-se uma deliciosa gata. Julgava conveniente, aparentemente, manifestar através de um sorriso o interesse que nela despertava a conversa geral; mas, involuntariamente, os seus olhos, por baixo das compridas

e espessas pestanas, pousavam no *cousin* que partia para o exército com uma adoração tão apaixonada que o seu sorriso não conseguia enganar ninguém, e via-se que o bichano só se tinha sentado para poder saltar mais energicamente e brincar com o primo, mal conseguissem, como Boris e Natacha, escapar-se do salão.

— É verdade, *ma chère* — dizia o conde à visitante, indicando o seu Nicolas —, Boris, o seu amigo, foi promovido a oficial, e, devido à amizade que lhe tem, o meu rapaz não quis ficar para trás; abandona a universidade e o velho que sou: escolhe a carreira militar, *ma chère*. Tinha já um posto pronto para ele nos arquivos e tudo. É isto a amizade? — concluiu, num tom interrogador.

— Efetivamente, diz-se que a guerra foi declarada — comentou a visitante.

— Há muito tempo que se fala disso — respondeu o conde.

— Desta vez, como das outras, falar-se-á do assunto e ficar-se-á por aí. Mas diga-me, *ma chère*, é isto a amizade? Entra para os hussardos.

A visitante, sem saber o que dizer, inclinou a cabeça.

— Não o faço por amizade — replicou Nicolas, corando e defendendo-se como se lhe fizessem uma calúnia infamante. — Não é por amizade, mas muito simplesmente porque sinto vocação para a carreira das armas.

E lançou um rápido olhar à prima e à visitante, que olhavam ambas para ele com um sorriso aprovador.

— Schubert vem jantar connosco, coronel dos hussardos de Pavlogrado. Estava aqui de licença e leva-o consigo. Que fazer? — continuou o conde, encolhendo os ombros e falando em ar de brincadeira de um assunto que lhe era visivelmente muito penoso.

— Já lhe disse, papá — interveio o filho —, que se não quer deixar-me partir, ficarei. Mas sei que só sirvo para o ofício militar; não fui feito para diplomata nem para funcionário, não sei dissimular os meus sentimentos — afirmou, continuando, com a coqueteria da sua bela juventude, a lançar olhares de lado a Sonia e à jovem visitante.

A gatinha, com os olhos cravados nele, parecia a todo o instante pronta a saltar e a manifestar a sua natureza felina.

— Vamos, vamos, está bem! — respondeu o velho conde. — Exalta-se sempre... Foi esse Bonaparte que lhes virou a cabeça a todos; não cessam de dizer para eles próprios que de tenente chegou a imperador. E porque não, se aprouver a Deus? — acrescentou, sem reparar no sorriso irónico da visitante.

As pessoas crescidas puseram-se a falar de Bonaparte. Júlia, a filha da senhora Karaguine, dirigiu-se ao jovem Rostov:

— Que pena não ter ido na sexta-feira a casa dos Arkharov. Aborreci-me sem a sua presença — disse, sorrindo-lhe ternamente.

Com o sorriso leviano da juventude, o jovem lisonjeado foi sentar-se junto da sorridente Júlia e iniciou com ela uma conversa à parte, sem notar que aquele sorriso involuntário trespassava como um punhal de ciúme o coração de Sonia, que corava e sorria com constrangimento. No decurso da conversa, lançou-lhe um rápido olhar. Sonia olhou-o com apaixonado ressentimento e, retendo com grande dificuldade as lágrimas que queriam brotar-lhe dos olhos e o sorriso que lhe distendia os lábios, levantou-se e saiu. Toda a animação de Nicolas desapareceu. Aguardou o primeiro silêncio e, com o rosto alterado, partiu em busca de Sonia.

— Como os segredos de toda esta juventude estão cosidos com linha branca — comentou a princesa Anna Mikhailovna, indicando Nicolas, que saía. — *Cousinage, dangereux voisinage* — acrescentou.

— Sim — disse a condessa, uma vez desaparecido o raio de sol que entrara no salão com aquela nova geração, e como que em resposta a uma pergunta que ninguém lhe fazia mas que a preocupava constantemente. — Quantos sofrimentos, quantas inquietações não foram precisas para que eles façam agora a nossa alegria! Mas na verdade, mesmo agora, são mais as inquietações do que as alegrias. Atormentamo-nos sempre, sempre! E precisamente na idade em que os perigos são mais numerosos, tanto para os rapazes como para as raparigas.

— Tudo depende da educação — sentenciou a visitante.

— Sim, tem razão. Até agora sempre tenho dito, graças a Deus, a amiga dos meus filhos, e tenho absoluta confiança neles — continuou a condessa, renovando o erro de numerosos pais que imaginam que os filhos não têm segredos para eles. — Sei que serei sempre a primeira confidente das minhas filhas, e que se Nicolas, com o seu caráter fogoso, fizer tolices... e nenhum rapaz escapa a isso... nunca será como esses senhores de Petersburgo.

— Sim, são uns filhos bons e gentis — confirmou o conde, que resolvia sempre todas as questões espinhosas achando tudo gentil. — Imagine-se, quer ser hussardo! Mas que quer, *ma chère!*

— Que encantadora é a vossa mais nova — comentou a visitante. — É puro mercúrio!

— Sim, puro mercúrio — concordou o conde. — Parece-se comigo! E que voz! Por muito minha filha que seja, direi a verdade: será uma cantora, uma nova Salomoni. Contratámos um italiano para lhe dar lições.

— Não é demasiado cedo? Diz-se que é mau para a voz estudar com esta idade.

— Oh! Não, demasiado cedo porquê? — perguntou o conde. — E as nossas mães, que se casavam aos doze, treze anos?

— Já está apaixonada por Boris! Que lhe parece? — interveio a condessa, sorrindo docemente e olhando para Anna Mikhailovna. Depois, manifestamente em resposta à pergunta que a preocupava a todo o instante, continuou: — Sabe, se a retivesse severamente, se a proibisse, sabe Deus o que fariam às escondidas — queria a condessa dizer que se beijariam —, enquanto assim sei cada palavra que trocam. Pode ser que esteja a mimá-la, mas, verdadeiramente, creio que é o melhor. Eduquei a mais velha com demasiada severidade.

— Sim, fui educada de uma maneira diferente — disse, sorrindo, a mais velha das irmãs, a bela condessa Vera.

O sorriso, porém, não embelezou o rosto de Vera, como geralmente acontece; pelo contrário, adquiriu uma expressão pouco natural, e portanto desagradável. A mais velha, Vera, era bela, não era estúpida, era bem-educada, fora uma excelente aluna, a sua voz era agradável, o que acabara de dizer fora justo e oportuno; mas, coisa estranha, todos, incluindo a visitante e a condessa, a olharam como se se perguntassem porque dissera ela aquilo, e pareceram incomodados.

— Refina-se sempre com os mais velhos, quer-se sempre fazer qualquer coisa de especial — disse a visitante.

— É preciso confessá-lo, *ma chère!* A minha condessinha refinou com Vera — respondeu o conde. — Mas o quê! Mesmo assim é bem gentil — acrescentou, piscando aprovadamente um olho à filha.

As visitantes levantaram-se e partiram, prometendo voltar para o jantar.

— Que modos! Eternizavam-se! — comentou a condessa, depois de elas terem saído.

X

Quando, ao sair do salão, Natacha se lançara em corrida, não fora mais além do que o jardim de inverno. Aí deteve-se, prestando atenção ao ruído de vozes que vinha do salão e aguardando a chegada de Boris. Começava já a perder a paciência e, batendo com o pé no chão, ia chorar porque ele não chegava imediatamente, quando ouviu os passos do jovem, nem lentos nem rápidos, decentes. Natacha correu vivamente para o meio das caixas com flores e escondeu-se.

Boris deteve-se a meio da sala, olhou em torno, sacudiu um grão de poeira

da manga do seu uniforme e aproximou-se do espelho, onde examinou o seu belo rosto. Natacha, agachada, observava da sua emboscada, à espera de ver o que ele ia fazer. Boris ficou algum tempo diante do espelho, sorriu e dirigiu-se para a porta. Natacha quis chamá-lo, mas pensou melhor.

«Ele que procure», disse para si mesma. Boris acabava de sair quando Sonia, muito vermelha, entrou por outra porta, murmurando qualquer coisa através das suas lágrimas. Natacha conteve o seu primeiro impulso, o de correr para ela, e conservou-se escondida, como sob o chapéu que torna invisível, espiando o que se passava no mundo. Tirava disto um prazer especial, muito novo. Sonia continuava a murmurar irritadamente e a lançar olhares à porta do salão, de onde Nicolas saiu instantes depois.

— Sonia! Que tens tu, pode saber-se? — perguntou, correndo para ela.

— Nada, nada, deixe-me! — respondeu a jovem, soluçando.

— Sim, eu sei o que é.

— Muito bem, se o sabe, está perfeito, pode voltar para junto dela.

— S-o-o-nia! Uma palavra! Como pode atormentar-se e atormentar-me por uma simples ideia? — protestou Nicolas, pegando-lhe numa mão.

Natacha, sem se mexer e contendo a respiração, espreitava do seu esconderijo, com olhos brilhantes. «Que irá passar-se?», perguntou-se.

— Sonia! Não tenho necessidade de mais ninguém no mundo. Só tu és tudo para mim — dizia Nicolas. — E provar-to-ei.

— Não gosto que me fales assim.

— Pois bem, não voltarei a fazê-lo. Vamos, perdoa-me, Sonia! — E Nicolas, atraindo-a para si, beijou-a.

«Muito bem!», pensou Natacha. Quando Nicolas e Sonia saíram, seguiu-os e chamou Boris.

— Boris, chegue aqui — disse, com um ar importante e afetado. — Tenho uma coisa a dizer-lhe. Venha, venha — acrescentou, levando-o para o jardim de inverno, para o lugar onde estivera escondida entre as caixas. Boris seguiu-a, sorrindo.

— De que se trata? — perguntou.

Natacha perturbou-se, lançou um olhar em redor e, avistando a boneca abandonada sobre uma das caixas, pegou nela.

— Beije a boneca — disse.

Boris olhava para o seu rosto animado com uma expressão atenta, amistosa, mas não respondeu palavra.

— Não quer? Então venha por aqui — ordenou a jovem, embrenhando-se ainda mais entre as caixas e atirando fora a boneca.

— Mais perto, mais perto! — murmurava. Puxava o oficial por uma manga, e no seu rosto muito vermelho havia uma expressão solene e assustada.

— E a mim, quer beijar-me? — murmurou com uma voz quase impercetível, olhando-o de baixo, sorrindo e quase chorando de emoção.

Boris corou.

— É uma tola! — disse, pondo-se cada vez mais vermelho e inclinando-se para ela, mas aguardando, sem tentar fosse o que fosse.

Natacha saltou subitamente para cima de uma caixa, passando assim a dominá-lo, enlaçou-o, de modo que os seus delgados braços se cruzaram sobre a nuca de Boris, e, lançando os cabelos para trás com um movimento da cabeça, beijou-o nos lábios.

Depois fugiu para o outro lado das caixas, passando por entre as flores, e deteve-se, de cabeça baixa.

— Natacha — disse Boris —, sabe que a amo, mas...

— Está apaixonado por mim? — interrompeu-o a jovem.

— Sim, estou apaixonado por si, mas peço-lhe, não recomeçemos... Mais quatro anos... Pedirei então a sua mão.

Natacha refletiu.

— Treze, catorze, quinze, dezasseis... — murmurou, contando pelos dedos pequenos e delgados. — Bom! Está decidido?

E um sorriso alegre e satisfeito iluminou o seu rosto animado.

— Está decidido! — respondeu Boris.

— Para sempre? Até à morte?

E, dando-lhe o braço, dirigiu-se lentamente com ele para a sala de fumo.

XI

A condessa estava tão cansada de visitas que ordenou ao guarda-portão que não recebesse mais ninguém, limitando-se a convidar imediatamente para o jantar todos os que fossem ainda apresentar os seus cumprimentos. Queria conversar com a sua amiga de infância, a princesa Anna Mikhailovna, a quem mal vira desde que esta regressara de Petersburgo. Anna Mikhailovna, com o belo rosto devastado pelas lágrimas, aproximou o seu cadeirão do da condessa.

— Serei absolutamente franca contigo — disse. — Já não somos muito numerosas, nós, as velhas amigas! É por isso que aprecio tanto a tua amizade.

Anna Mikhailovna olhou para Vera e interrompeu-se. A condessa apertou a mão da amiga.

— Vera — disse, dirigindo-se à sua filha mais velha, visivelmente pouco amada —, porque é que vocês nunca compreendem coisa nenhuma? Não sentes que estás aqui a mais? Vai ter com as tuas irmãs, ou...

A bela Vera sorriu com desdém, de modo algum ofendida.

— Se mo tivesse dito mais cedo, mamã, já me teria ido embora — respondeu, saindo do salão.

Ao passar pela sala de fumo, avistou dois casais simetricamente instalados diante de duas janelas. Deteve-se e esboçou um sorriso depreciativo. Sonia estava sentada junto de Nicolas, que recopiava por ela os seus primeiros versos. Boris e Natacha estavam instalados junto de outra janela, e calaram-se quando Vera entrou. Sonia e Natacha olharam para ela com um ar culpado e feliz.

Aquelas garotas apaixonadas proporcionavam um espetáculo divertido e tocante, mas que aparentemente não inspirou a Vera qualquer sentimento agradável.

— Quantas vezes lhes tenho pedido que não mexam nas minhas coisas? — disse, tirando o tinteiro da mão de Nicolas. — Vocês têm o vosso quarto.

— Um momento, um momento — respondeu Nicolas, molhando uma vez mais a pena no tinteiro.

— Fazem tudo fora de tempo — continuou Vera. — Há pouco fizeram uma tal entrada no salão que todos tiveram vergonha por vocês.

A despeito, ou talvez precisamente devido à justiça da sua observação, ninguém respondeu, e os quatro limitaram-se a trocar olhares. Vera demorava-se na sala, com o tinteiro na mão.

— E depois — continuou —, que segredos pode haver, na vossa idade, entre Natacha e Boris, e entre vocês os dois? Tolices, tudo isso!

— Vejamos, que diferença te faz isso? — perguntou Natacha, com uma vozinha suave e conciliante.

Naquele dia, estava visivelmente mais benevolente e mais gentil para todos do que era costume.

— É perfeitamente estúpido — replicou Vera. — Envergonho-me por vocês.

— Cada um tem os seus segredos. Nós não nos metemos contigo e com Berg — retorquiu Natacha, começando a exaltar-se.

— Claro que não se metem — disse Vera —, pois nada de mau pode haver no que eu faço, mas direi à mamã como tu te comportas com Boris.

— Nathalie Ilinicha comporta-se muito bem comigo — afirmou Boris. — Não tenho razões de queixa.

— Deixe, Boris, você é muito diplomata. — A palavra «diplomata» estava muito em voga entre as crianças, na aceção particular que lhe davam. — É muito

aborrecido — disse Natacha, com uma voz trémula e ofendida. — Porque é que ela vem sempre embirrar comigo? Nunca poderás compreender — continuou, dirigindo-se a Vera — porque nunca amaste ninguém, não tens coração, não passas de uma *Madame de Genlis* — esta alcunha, considerada muito ofensiva, fora dada a Vera por Nicolas —, e o teu maior prazer é causar aborrecimentos aos outros. Faz de coquete com Berg tanto quanto quiseres — terminou, rapidamente.

— Em todo o caso, não me porei certamente a correr atrás de um rapaz na presença de convidados...

— Bem, já conseguiste o que querias — interveio Nicolas. — Disseste coisas desagradáveis a toda a gente, rebaixaste-nos a todos. Vamos para o quarto das crianças.

E os quatro, como um bando de aves assustadas, levantaram-se e dirigiram-se para a porta.

— É a mim que me dizem coisas desagradáveis, eu não as disse a ninguém — replicou Vera.

— *Madame de Genlis! Madame de Genlis!* — responderam vozes risonhas, do outro lado da porta.

A bela Vera, que produzia este efeito desagradável e irritante em toda a gente, sorriu e, de modo algum afetada pelo que acabavam de lhe dizer, aproximou-se do espelho e compôs a faixa da sua touca: estudando o seu belo rosto, tornou-se visivelmente ainda mais fria e mais calma.

Entretanto, no salão, a conversa prosseguia.

— *Ah! Chère* — dizia a condessa —, também na minha vida nem tudo são rosas. Bem vejo que, pelo caminho que levamos, a nossa fortuna não irá longe! E a culpa é do meu marido e da sua bondade. Mesmo no campo, pensa que repousamos? Não, há os espetáculos, as caçadas, e sabe Deus o que mais. Mas para quê falar de mim? Diz-me, como te arranjaste? Surpreendes-me, Annette. Como consegues, com a tua idade, ir sozinha, de carruagem, a Moscovo, a Petersburgo, visitar todos os ministros, todas as pessoas importantes? Sabes como agir com cada um deles, admiro-te. Vejamos, como fizeste? Eu, pelo meu lado, não percebo nada disso.

— Ah, minha querida! — respondeu a princesa Anna Mikhailovna. — Queira Deus que nunca venhas a perceber, que nunca venhas a saber como é duro ficar viúva e com um filho que se ama até à adoração. É-se obrigada a aprender tudo — continuou, com uma ponta de orgulho. — O meu processo instruiu-me. Quando tenho necessidade de ver qualquer pessoa, escrevo um bilhete: «A princesa fulana deseja ver fulano», e vou. Meto-me num fiacre e volto uma, duas, três,

quatro vezes, até conseguir o que desejo. Pouco me importa o que possam pensar de mim.

— E a quem pediste pelo teu Boris? — perguntou a condessa. — Eis que o teu filho já é oficial da guarda, enquanto o meu Nicolas é apenas aspirante. Não tem ninguém que peça por ele. A quem te dirigiste?

— Ao príncipe Vassili. Foi muito gentil. Consentiu imediatamente em falar ao imperador — respondeu a princesa Anna Mikhailovna com entusiasmo, esquecendo completamente todas as humilhações que sofrera para conseguir o seu objetivo.

— Está mais velho, o príncipe Vassili? — perguntou a condessa.

— Não voltei a vê-lo desde as nossas representações teatrais em casa dos Rumiantzév. Calculo que deve ter-me esquecido. Fazia-me a corte — acrescentou, evocando esta recordação com um sorriso.

— Continua o mesmo, amável, solícito — respondeu Anna Mikhailovna. — A grandeza não lhe subiu à cabeça. «Lamento não poder fazer muito por si, querida princesa, mas ordene», disse-me. É na verdade um bom homem e um excelente parente. Mas tu, Nathalie, conheces o meu amor pelo meu filho. Não sei o que seria capaz de fazer para o ver feliz. Ora, os meus negócios vão tão mal — continuou Anna Mikhailovna, baixando a voz —, tão mal, que me encontro agora numa situação verdadeiramente terrível. O meu malfadado processo traga tudo o que possuo e não avança. Não tenho um soldo, *à la lettre*, imagina, e não sei como equipar Boris. — Anna Mikhailovna pegou num lenço e começou a chorar.

— Preciso de quinhentos rublos e só tenho uma nota de vinte e cinco... Estou numa situação... A minha única esperança é o conde Cirilo Vladimirovitch Bezukhov. Se não quiser ajudar o afilhado... é que ele é o padrinho de Boris... se não quiser estipular-lhe uma pensão, não sei como o equipar. Todas as minhas tentativas terão sido inúteis.

A condessa derramou uma lágrima e refletiu em silêncio.

— Digo muitas vezes para mim mesma... e talvez isto seja um pecado — continuou a princesa —, digo muitas vezes para mim mesma: aí está o conde Cirilo Vladimirovitch, que vive sozinho, que tem essa imensa fortuna... E porque vive ele? A vida pesa-lhe, enquanto o meu Boris começa agora a viver.

— Deixar-lhe-á sem dúvida qualquer coisa — disse a condessa.

— Só Deus sabe, *chère amie!* Esses ricos e esses grandes senhores são tão egoístas. De todo o modo, vou agora vê-lo com o meu Boris, e dir-lhe-ei francamente o que se passa. Que pensem de mim o que quiserem, isso não me interessa, quando a sorte do meu filho está em jogo. — A princesa levantou-se. — São duas horas, e vocês jantam às quatro. Tenho tempo de ir.

E, com a desenvoltura da mulher prática de Petersburgo que conhece o valor do tempo, mandou chamar o seu filho Boris e dirigiu-se com ele ao vestíbulo.

— Adeus, minha querida — disse à condessa, que a acompanhava até à porta. — Deseja-me boa sorte — acrescentou num murmúrio, para não ser ouvida pelo filho.

— Vai a casa do conde Cirilo Vladimirovitch, *ma chère*? — perguntou o conde da porta da sala de jantar. — Se estiver melhor, peça a Pierre que venha jantar. Vinha ver-nos, antigamente, e dançava com as crianças. Convide-o sem falta, *ma chère*. Bom, veremos como Tarass se portou hoje. Diz ele que nem em casa do próprio conde Orlov houve alguma vez um jantar como o que vamos ter.

XII

— **M***on cher* Boris — disse a princesa Anna Mikhailovna ao filho, quando a viatura da condessa Rostov, onde se faziam transportar, acabou de percorrer a rua coberta de palha e entrou no vasto pátio do palácio do conde Cirilo Vladimirovitch Bezukhov. — *Mon cher* Boris — repetiu a mãe, tirando uma mão de dentro da sua velha capa e pousando-a, com um gesto tímido e afetuoso, na do filho —, sê amável, sê cauteloso. O conde Cirilo Vladimirovitch é teu padrinho, e o teu futuro depende dele. Recordaste disso, *mon cher*, e sê amável, como sabes sê-lo.

— Se não soubesse que de tudo isto só resultará uma humilhação — respondeu o filho, friamente —, mas prometi-lho, e fá-lo-ei por si.

Apesar de ver uma viatura parada diante do portal, o guarda-portão, depois de ter observado a mãe e o filho (que, sem se fazerem anunciar, entravam directamente no vestíbulo envidraçado, entre duas filas de estátuas nos seus nichos) e lançado um olhar significativo à velha capa da princesa, perguntou quem desejavam ver, as princesas ou o conde; ao saber que era o conde, respondeu que sua excelência estava bastante mal e que não recebia fosse quem fosse.

— Podemos ir embora — disse Boris, em francês.

— *Mon ami* — disse a mãe num tom suplicante, aflorando-lhe de novo a mão, como se este contacto tivesse o poder de o acalmar ou o estimular.

Boris calou-se e, sem se despojar do manto, olhou para a mãe com uma expressão interrogadora.

— Bom homem — disse Anna Mikhailovna, dirigindo-se ao guarda-portão com voz terna —, sei que o conde Cirilo Vladimirovitch está muito doente... Foi por isso que vim... Sou uma parente... Não incomodarei, bom homem... Ne-

cessito apenas de falar com o príncipe Vassili Sergueievitch: sei que ele está aqui. Anuncia-nos, se faz favor.

O homem voltou-se, com um ar aborrecido, e puxou o cordão.

— A princesa Drubetzkoï para o príncipe Vassili Sergueievitch — gritou a um criado de casaca, meias e escarpins, que apareceu no patamar da escada, inclinando-se por cima da balaustrada.

A mãe compôs as dobras do seu vestido de seda, viu-se no grande espelho de Veneza, suspenso da parede, e, com um ar alerta, subiu a escada alcatifada.

— *Mon cher*, não esqueça o que me prometeu — disse uma vez mais ao filho, encorajando-o com o contacto da sua mão.

O filho seguiu-a em silêncio, de olhos baixos.

Entraram num grande salão, por uma das portas que davam para os aposentos reservados ao príncipe Vassili.

No momento em que, chegados ao meio da sala, a mãe e o filho se preparavam para pedir indicações a um velho criado que lhes saíra ao encontro, o fecho de bronze de uma das portas girou e o príncipe Vassili, vestindo uma indumentária de interior — casaca de veludo forrada e com uma só condecoração —, apareceu, acompanhando um belo homem de cabelos castanhos. Era Lorrain, o célebre médico de Petersburgo.

— É então positivo? — perguntava o príncipe.

— *Mon prince, errare humanum est, mais...* — respondeu o médico, com uma voz gutural e pronunciando as palavras latinas à francesa.

— *C'est bien, c'est bien...*

Ao avistar Anna Mikhailovna e o filho, o príncipe Vassili despediu-se do médico com uma leve reverência e, em silêncio mas com uma expressão interrogadora, aproximou-se deles. Boris notou que uma profunda aflição se refletia subitamente no rosto da mãe e esboçou um ligeiro sorriso.

— Em que tristes circunstâncias nos reencontramos, príncipe... Como vai o nosso querido doente? — perguntou Anna Mikhailovna, fingindo não notar o olhar frio e ofensivo cravado nela.

O príncipe Vassili contemplou-a com uma expressão interrogadora próxima da perplexidade, e depois desviou os olhos para Boris. O jovem inclinou-se delicadamente. Sem lhe devolver a saudação, o príncipe Vassili voltou-se para Anna Mikhailovna e respondeu à sua pergunta com um movimento da cabeça e dos lábios, que não deixava a mais pequena esperança ao doente.

— Será possível? — exclamou a princesa. — Ah! É terrível... É o meu filho — acrescentou, designando Boris. — Quis vir agradecer-lhe pessoalmente.

Boris inclinou-se uma vez mais, com delicadeza.

— Acredite, príncipe, que um coração de mãe nunca esquecerá o que fez por nós.

— Estou contente por ter podido ser-lhe agradável, cara Anna Mikhailovna — respondeu o príncipe Vassili, ajustando o lenço, e, pelo gesto e pela voz, dando-se diante da sua protegida um ar de importância ainda maior do que o que adotara em Petersburgo, em casa de Anna Pavlovna...

— Trate de cumprir o seu dever e de se mostrar digno — acrescentou severamente, dirigindo-se a Boris. — Estou encantado. Está aqui de licença? — perguntou, num tom impassível.

— Aguardo ordens, excelência, para me dirigir ao meu novo posto — respondeu Boris, sem manifestar o menor despeito pelo tom brusco do príncipe, nem o mais pequeno desejo de entabular conversa, mas com um ar tão respeitoso e tão tranquilo que o príncipe o observou com atenção.

— Vive com a sua mãe?

— Vivo em casa da condessa Rostov — respondeu Boris, acrescentando novamente: — excelência.

— Trata-se de Ilia Rostov, que se casou com Nathalie Shinshin — explicou Anna Mikhailovna.

— Bem sei, bem sei — respondeu o príncipe, com a sua voz monocórdica. — Nunca consegui compreender como foi que Nathalie se decidiu a casar-se com esse urso! Uma personagem completamente estúpida e ridícula. E jogador, segundo se diz.

— Mas muito bom homem, *mon prince* — observou Anna Mikhailovna, com um sorriso enternecido, como se, sabendo ela própria que o conde Rostov merecia aqueles qualificativos, pedisse que o pobre velho fosse poupado. — Que dizem os médicos? — perguntou após um curto silêncio, deixando uma vez mais que a maior das aflições se refletisse no seu rosto devastado pelas lágrimas.

— Há poucas esperanças.

— E eu que queria agradecer uma vez mais a meu tio todas as bondades que teve para comigo e para com Boris. É afilhado dele — acrescentou, como se esta notícia devesse alegrar infinitamente o príncipe.

O príncipe Vassili tornou-se pensativo e franziu o sobrolho. Anna Mikhailovna compreendeu que ele temia encontrar nela uma pretendente à herança do conde Bezukhov e apressou-se a tranquilizá-lo.

— Não fossem o meu sincero afeto e a minha dedicação para com o meu tio... — disse, pronunciando esta palavra com negligência e segurança. — Conheço o seu caráter reto e nobre, mas junto de si só tem as princesas, e elas

são ainda muito jovens... — Inclinando a cabeça, acrescentou num murmúrio: — O conde já cumpriu os seus últimos deveres, príncipe? Como estes últimos instantes são preciosos! Nada poderia ser mais grave; é absolutamente preciso prepará-lo, se está tão mal. Nós as mulheres, príncipe — e Anna Mikhailovna esboçou um sorriso suave —, sabemos sempre dizer essas coisas. É indispensável que o veja. Por muito penoso que seja para mim, estou habituada a sofrer.

Visivelmente, o príncipe havia compreendido, e compreendia também, como já compreendera no serão de Anna Pavlovna, que era difícil desembaraçar-se de Anna Mikhailovna.

— Receio que essa entrevista seja demasiado penosa, *chère* Anna Mikhailovna — disse. — Aguardemos até à noite. Os médicos deixam prever uma crise.

— Mas é impossível, príncipe, aguardar nestas alturas. Pense que vai nisso a salvação de uma alma... Ah! É terrível, os deveres de um cristão...

A porta dos aposentos ao fundo abriu-se, dando passagem a uma das princesas, sobrinhas do conde, uma jovem de ar maçudo e frio e de um busto de comprimento impressionante, desproporcionado em relação ao das pernas.

O príncipe Vassili voltou-se para ela.

— Então, como vai ele?

— Na mesma. E que quer? Todo este ruído... — disse a princesa, examinando Anna Mikhailovna como se fosse uma desconhecida.

— Ah, *chère*, não a conhecia — exclamou esta, com um sorriso feliz e avançando com passos ligeiros para a sobrinha do conde. — Acabo de chegar e estou aqui para a ajudar a cuidar do meu tio. Imagino como têm sofrido — acrescentou, rolando os olhos com compaixão.

A princesa não respondeu, não sorriu sequer, e saiu imediatamente. Anna Mikhailovna tirou as luvas e instalou-se num cadeirão, como numa posição conquistada, convidando o príncipe Vassili a sentar-se a seu lado.

— Boris — disse ao filho, sorrindo —, vou ver o conde, o meu tio. Vai entretanto ver Pierre, *mon ami*, e não te esqueças de lhe transmitir o convite dos Rostov. Convidam-no para jantar. Pensa que não irá? — acrescentou, voltando-se para o príncipe.

— Pelo contrário — respondeu este, que estava visivelmente de péssimo humor. — Ficarei muito contente se me desembaraçarem desse jovem... Não sai daqui. O conde não chamou por ele uma única vez.

E encolheu os ombros. Um criado conduziu o jovem Boris, e, por outra escada, acompanhou-o até aos aposentos de Pierre Kirilovitch.

Pierre acabara por não ter tempo de escolher uma carreira em Petersburgo e tinha efetivamente sido exilado para Moscovo por conduta escandalosa. A história que se contava em casa do conde Rostov era exata. Participara do episódio do comissário e do urso. Voltara a Moscovo alguns dias antes e, como sempre fazia, dirigira-se a casa do pai. Apesar de supor que a sua história devia ser já conhecida e que o séquito feminino do pai, que sempre o vira com maus olhos, não deixaria de a aproveitar para insurgir o conde contra ele, dirigiu-se a sua casa mal chegou. Entrando no salão onde as princesas se reuniam habitualmente, cumprimentou as damas instaladas diante dos seus estiradores, a bordar, enquanto uma delas lia em voz alta. Eram três. A mais velha, uma jovem severa, cuidada, de busto demasiado comprido, a mesma que Anna Mikhailovna tinha visto, era a que lia; as duas mais novas, ambas bonitas e frescas, que só se distinguíam pelo sinal que uma delas tinha por cima do lábio e que a embelezava muito, bordavam. Pierre foi recebido como uma alma do outro mundo ou um empestado. A mais velha das princesas interrompeu a leitura e olhou-o com uma expressão assustada; a segunda, a que não tinha o sinal, adotou exatamente a mesma expressão; a mais jovem, a que tinha o sinal e era de um caráter risonho e alegre, inclinou-se para o estirador a fim de disfarçar um sorriso, provocado sem dúvida pela cena que ia seguir-se, e que ela previa extremamente divertida. Puxou a agulha com a lâ e inclinou-se como que para examinar o desenho, contendo o riso com dificuldade.

— Bom dia, minha prima — disse Pierre. — Não me reconhece?

— Conheço-o até demasiado, demasiado.

— Como vai o conde? Posso vê-lo? — perguntou Pierre, desajeitadamente como sempre, mas sem se perturbar.

— O conde sofre física e moralmente, e creio que se encarregou de lhe causar um aumento de dores morais.

— Posso ver o conde? — repetiu Pierre.

— Hum! Se quer matá-lo, acabar com ele, pode vê-lo. Olga, vá ver se o caldo do nosso tio já está pronto. São quase horas de o tomar — acrescentou, querendo com isto dar a entender a Pierre que estavam muito ocupadas, e ocupadas a cuidar do pai dele, ao passo que, manifestamente, ele só se ocupava em causar-lhe dissabores.

Olga saiu. Pierre aguardou alguns instantes, olhou para as irmãs e disse, inclinando-se:

— Vou para o meu quarto. Quando for possível, mandem prevenir-me.

Saiu, e o riso sonoro, apesar de abafado, da irmã do sinal elevou-se atrás dele.

No dia seguinte, o príncipe Vassili chegou e instalou-se em casa do conde. Mandou chamar Pierre e disse-lhe:

— Meu caro, caso se conduza aqui como em Petersburgo, acabará muito mal; era tudo o que tinha a dizer-lhe. O conde está muito doente, não tem absolutamente necessidade de o ver.

A partir deste instante deixaram-no tranquilo, e Pierre passou todo o seu tempo sozinho, no seu quarto.

Quando Boris entrou, Pierre passeava-se de um lado para o outro, detendo-se por vezes num canto e fazendo gestos ameaçadores para a parede, como se trespassasse um inimigo invisível, lançando olhares severos por cima das lunetas. Depois recomeçava o seu passeio, murmurando palavras confusas, encolhendo os ombros e abrindo os braços.

— A Inglaterra está acabada — proferiu, franzindo o sobrolho e apontando um dedo para alguém. — O senhor Pitt, como traidor à nação e ao direito das gentes, é condenado a...

Não teve tempo de acabar o veredicto que condenava Pitt, julgando-se naquele instante Napoleão em pessoa, imaginando ter já realizado com o seu herói a perigosa passagem do estreito de Calais e conquistado Londres. Um jovem oficial, elegante e belo, acabava de entrar no quarto. Pierre deteve-se. A última vez que vira Boris tinha catorze anos, e não se lembrava absolutamente dele; mas, com a benevolência que lhe era própria, estendeu-lhe a mão e sorriu-lhe amistosamente.

— Recorda-se de mim? — perguntou tranquilamente Boris, com um sorriso agradável. — Viemos, a minha mãe e eu, para ver o conde, mas creio que não vai muito bem.

— Sim, é o que parece. Estão sempre a incomodá-lo — respondeu Pierre, esforçando-se por se recordar de quem era aquele jovem.

Boris adivinhava que Pierre não o reconhecia, mas, não julgando útil dizer quem era, olhava-o nos olhos, sem o menor embaraço.

— O conde Rostov pede-lhe que jante hoje em sua casa — disse, após um silêncio bastante longo e embaraçoso para Pierre.

— Ah! O conde Rostov! — exclamou Pierre, alegremente. — É então o seu filho, Ilia? Imagine que por um instante não o reconheci. Lembra-se de como corríamos os montes, aos pardais, com *madame* Jacquot?... Foi há tanto tempo.

— Engana-se — disse Boris, sem pressa, e com um sorriso ousado e até um

pouco irónico. — Sou Boris, filho da princesa Anna Mikhailovna Drubetzkoï. E o Rostov pai é que se chama Ilia, o filho chama-se Nicolas. E não conheci nenhuma *madame* Jacquot.

Pierre agitou as mãos e sacudiu a cabeça, como que assaltado por um enxame de moscas ou de abelhas.

— Ah! Mas que tenho eu? Confundi tudo! Tenho tanta família em Moscovo! E então Boris... Bom, sempre chegámos a qualquer coisa. Vejamos, que pensa da expedição de Bolonha? A coisa irá mal para os ingleses se Napoleão atravessar a Mancha? Julgo essa expedição muito possível. Desde que Villeneuve não faça asneira!

Boris nada sabia a respeito da expedição de Bolonha, não lia os jornais e era a primeira vez que ouvia falar de Villeneuve.

— Aqui em Moscovo — respondeu, no seu tom calmo e irónico — ocupamo-nos mais de jantares e de comadres do que de política. Nada sei a esse respeito, e portanto nada penso. O que preocupa sobretudo Moscovo são os escândalos e neste momento fala-se de si e do conde.

Pierre esboçou um sorriso bondoso, como se temesse que o seu interlocutor dissesse qualquer coisa de que mais tarde se arrependesse, mas Boris falava distintamente, calmamente e secamente, olhando-o nos olhos.

— Tudo o que Moscovo faz é bisbilhotar — continuou. — A pergunta que toda a gente faz neste momento é a quem deixará o conde a sua fortuna, embora seja possível que venha a enterrar-nos a todos, coisa que lhe desejo do fundo do coração...

— Sim, tudo isso é muito penoso — respondeu Pierre —, muito penoso.

Continuava a temer que aquele oficial se lançasse numa conversa que lhe criasse embaraços.

— Deve pensar — disse Boris, corando levemente, mas sem mudar de voz nem de atitude —, deve pensar que toda a gente pretende obter qualquer coisa do ricoço.

«Aí está», pensou Pierre.

— Quero justamente dizer-lhe, para evitar qualquer mal-entendido, que se engana muito se nos colocar, à minha mãe e a mim, entre essa gente. Somos muito pobres, mas declaro, pelo menos no que me respeita, que é precisamente porque o seu pai é rico que não me considero de modo algum seu parente, e que nem a minha mãe nem eu lhe pediremos alguma vez qualquer coisa, ou aceitaremos dele seja o que for.

Pierre tardou bastante a compreender, mas, quando compreendeu, saltou do divã, agarrou Boris por um braço, com a espontaneidade e a falta de jeito que o

caracterizavam, e, muito mais corado do que ele, disse, com um sentimento feito de vergonha e de despeito:

— É estranho! É que eu... e quem pensaria uma coisa dessas... Sei perfeitamente...

Boris, no entanto, interrompeu-o novamente.

— Estou contente por ter dito tudo. Foi talvez desagradável para si, e peço-lhe que me desculpe — continuou, para tranquilizar Pierre em vez de ser tranquilizado por ele —, mas espero não o ter ofendido. Tenho por princípio ser sempre franco... Então, que resposta devo levar? Irá jantar a casa dos Rostov?

E Boris, libertado de um penoso dever e tendo-se retirado de uma situação embaraçosa metendo outro nela, tornou-se perfeitamente agradável.

— Escute — disse Pierre, acalmando-se. — O senhor é espantoso. O que acaba de dizer está muito bem, muito bem. Naturalmente, não me conhece. Há tanto tempo que não nos víamos... éramos ainda crianças... Podia pensar que eu... Compreendo, compreendo perfeitamente. Eu não teria agido assim, não teria tido coragem, mas está muito bem. Estou muito contente por tê-lo conhecido. É estranho — acrescentou, após um silêncio, sorrindo —, as coisas de que pôde julgar-me capaz! — riu-se. — Mas não tem importância, aprenderemos a conhecer-nos melhor. Peço-lhe. — E Pierre apertou a mão de Boris. — Sabe que ainda não vi o conde uma única vez? Nunca me mandou chamar... Lamento-o como homem... Mas que fazer?

— Pensa então que Napoleão conseguirá fazer passar o seu exército? — perguntou Boris, sorrindo.

Pierre compreendeu que o jovem oficial desejava mudar de conversa e, prestando-se a isso, começou a expor as vantagens e os inconvenientes da empresa de Bolonha.

Um criado foi chamar Boris, da parte da princesa. Pierre prometeu ir jantar, para travar um melhor conhecimento com ele, e apertou-lhe a mão com vigor, olhando-o amistosamente através dos óculos... Depois da partida do jovem oficial continuou por bastante tempo ainda a passear-se pelo quarto, já não trespassando um inimigo invisível, mas sorrindo à recordação daquele jovem inteligente e firme.

Como acontece na primeira juventude, e sobretudo quando a vida que se fez foi solitária, começava a sentir por Boris uma ternura irracional, e prometeu a si mesmo que não deixaria de travar amizade com ele.

O príncipe Vassili acompanhou a princesa até à porta. Anna Mikhailovna levava o lenço aos olhos e tinha o rosto banhado em lágrimas.

— É terrível, terrível! — dizia. — Mas, por muito que me custe, farei o meu

dever. Virei velá-lo. Não se pode deixá-lo assim. Cada instante é precioso. Não compreendo o que esperam as princesas. Talvez Deus me ajude a encontrar um meio de o preparar! *Adieu, mon prince, que le bon Dieu vous soutienne...*

— *Adieu, ma bonne* — respondeu o príncipe Vassili, voltando-se.

— Ah! Está num estado terrível — disse a princesa ao filho, enquanto subiam para a carruagem. — Já quase não reconhece ninguém.

— Não compreendo, mamã, quais são as relações dele com Pierre? — perguntou Boris.

— O testamento dirá tudo, meu amigo. Também a nossa sorte depende dele.

— Mas porque pensa que ele nos deixará qualquer coisa?

— Ah, meu amigo, ele é tão rico, e nós tão pobres!

— Não me parece uma razão suficiente, mamã.

— Ah, meu Deus! Como ele está em baixo! — exclamava a mãe.

XIV

Depois de Anna Mikhailovna e o filho partirem para casa do conde Cirilo Vladimirovitch Bezukhov, a condessa Rostov ficou durante bastante tempo sozinha, levando de vez em quando o lenço aos olhos. Por fim, fez soar a campainha.

— Que se passa, minha cara? — perguntou, com irritação, à criada de quarto, que se fizera esperar alguns instantes. — Não quer trabalhar? Nesse caso arranjar-lhe-ei outro lugar.

O desgosto e a humilhante pobreza da amiga tinham deprimido a condessa, que por isso estava de mau humor, o que nela se traduzia sempre pela sua forma de dizer «minha cara» e «você» à criada de quarto.

— Peça perdão, senhora — respondeu a mulher.

— Diga ao conde que venha ver-me.

O conde aproximou-se da mulher, balançando-se com um ar — como sempre — levemente culpado.

— Então, condessinha? Que *sauté* de frango *au madère* vamos ter, *ma chère*! Já o provei; não foi por nada que dei mil rublos pelo Tarass. Vale-os bem!

E sentou-se junto da mulher, apoiando os cotovelos nos joelhos e passando as mãos pelos raros cabelos grisalhos.

— Que deseja, querida condessinha?

— Trata-se, meu amigo... Que nódoa é essa? — perguntou a condessa,

apontando para o colete do marido. — Deve ser o *sauté* — acrescentou, sorrindo.
— Pois bem, conde, acontece que tenho necessidade de dinheiro.

E o seu rosto pôs-se triste.

— Ah, minha condessinha!... — E o conde agitou-se, em busca da carteira.

— Preciso de muito, conde, tenho necessidade de quinhentos rublos.

E, pegando no seu lenço de cambraia, esfregou o colete do marido.

— É para já, para já. Eh! Está aí alguém? — gritou o conde com essa voz que só têm os que estão habituados a ver os outros a acorrer aos seus chamamentos.
— Mandem-me Mitenka!

Mitenka, filho de nobres, educado na família do conde e administrador de todos os seus negócios, entrou com passos silenciosos.

— Escute, meu caro — disse o conde ao respeitoso jovem. — Traga-me...
— Refletiu por um instante. — Sim, setecentos rublos, sim... E atenção, nada de notas rasgadas e sujas como da outra vez. Quero-as novas. São para a condessa.

— Sim, Mitenka, peço-te, que estejam limpas — acrescentou a condessa, suspirando com tristeza.

— Excelência, para quando as quer? — perguntou Mitenka. — Sabe que... Aliás, não se preocupe — acrescentou, ao ver que o conde começava já a respirar rapidamente e com dificuldade, o que era sempre um sinal de cólera próxima. — Esquecia-me... Quere-as imediatamente?

— Sim, sim, é isso, podes trazê-las. Dá-las-ás à condessa. Que tesouro, o meu Mitenka — acrescentou o conde, sorrindo, depois de o jovem ter saído. — Nada é impossível. Detesto isso. Tudo é possível.

— Ah, o dinheiro, conde, o dinheiro, quantos desgostos causa neste mundo!
— murmurou a condessa. — Tenho uma grande necessidade dessa soma.

— É uma conhecida gastadora, condessinha — respondeu o conde. E, depois de ter beijado a mão à mulher, voltou ao seu gabinete de trabalho.

Quando Anna Mikhailovna regressou a casa de Bezukhov, a condessa estava já na posse da soma, toda em notas novas, que tinha colocado sobre uma pequena mesa, debaixo do lenço, e a princesa apercebeu-se do seu nervosismo.

— Então, minha amiga? — perguntou a condessa.

— Ah! Está num estado terrível! Irreconhecível, tão em baixo, tão em baixo; só lá estive um instante, e não pude dizer duas palavras...

— *Annette*, pelo amor de Deus, não recuses — disse subitamente a condessa, corando, o que contrastava estranhamente com o seu rosto magro e grave, retirando o dinheiro do lenço. Anna Mikhailovna compreendera instantaneamente do que se tratava, e já se inclinava para abraçar a condessa.

— Para Boris, da minha parte, para o seu uniforme...

Anna Mikhailovna apertava-a entre os braços e chorava. A condessa chorava também. Choravam porque eram amigas; porque eram boas; e porque, amigas de infância, tinham de se ocupar de uma coisa tão vil: o dinheiro; e porque a juventude passara havia muito... Mas as lágrimas de ambas eram doces...